

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

DANILO ALVES CAMPOS DE FREITAS

**O TRATO PEDAGÓGICO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA EM UM COLÉGIO
ESTADUAL DA POLÍCIA MILITAR DE GOIÁS (CEPMG) NO MUNICÍPIO DE
GOIÂNIA**

GOIÂNIA
2019

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC nº 1204/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG):

Nome completo do autor: Danilo Alves Campos de Freitas

Título do trabalho: O TRATO PEDAGÓGICO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA EM UM COLÉGIO ESTADUAL DA POLÍCIA MILITAR DE GOIÁS (CEPMG) NO MUNICÍPIO DE GOIÂNIA

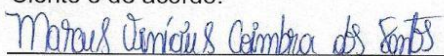
2. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento [X]SIM []NÃO¹

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF do TCCG.


(Nome completo do autor)²

Ciente e de acordo:


(Nome completo do orientador)²

Data: 19/12/19

¹ Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

² As assinaturas devem ser originais sendo assinadas no próprio documento, imagens coladas não serão aceitas.

Danilo Alves Campos de Freitas

**O TRATO PEDAGÓGICO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA EM UM COLÉGIO
ESTADUAL DA POLÍCIA MILITAR DE GOIÁS (CEPMG) NO MUNICÍPIO DE
GOIÂNIA**

Trabalho apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado(a) em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás. Sob a orientação do professor Ms. Marcus Vinícius Coimbra dos Santos.

GOIÂNIA
2019

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Alves Campos de Freitas, Danilo
O TRATO PEDAGÓGICO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA EM UM COLÉGIO ESTADUAL DA POLÍCIA MILITAR DE GOIÁS (CEPMG) NO MUNICÍPIO DE GOIÂNIA [manuscrito] / Danilo Alves Campos de Freitas. - 2019.
LXVII, 67 f.

Orientador: Prof. Marcus Vinícius Coimbra dos Santos.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física e Dança (FEFD), Educação Física, Goiânia, 2019.
Bibliografia. Apêndice.

1. Educação Física Escolar. 2. Escola Militar. 3. Concepção de Educação Física. I. Coimbra dos Santos, Marcus Vinícius, orient. II. Título.

CDU 796

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ATA DE DEFESA DA MONOGRAFIA

O TRATO PEDAGÓGICO COM A EDUCAÇÃO FÍSICA EM UM COLÉGIO
ESTADUAL DA POLÍCIA MILITAR DE GOIÁS (CEPMG) NO MUNICÍPIO DE
GOIÂNIA

DANILO ALVES CAMPOS DE FREITAS

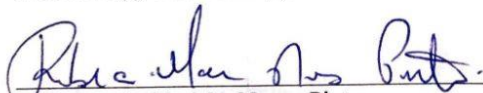
Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado(a) em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás, sob orientação do(a) Prof. Ms. Marcus Vinicius Coimbra dos Santos.

Goiânia-Goiás, 09 / 12 / 2019.



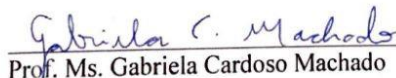
Prof. Ms. Marcus Vinicius Coimbra dos Santos
Professor (a) Orientador(a)

Aprovada (X) Não Aprovada ()



Prof. Dra. Rubia-Mar Nunes Pinto

Aprovada (X) Não Aprovada ()



Prof. Ms. Gabriela Cardoso Machado

Aprovada (X) Não Aprovada ()

Resultado final: Aprovada (X) Não Aprovada ()

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar quero agradecer a Deus, pela força e determinação para seguir em frente e não desistir.

Aos meus pais, Genesio e Celma, por todo apoio, carinho, amizade e inspiração, principalmente nos momentos mais difíceis dessa jornada. Ao meu filho Danilo Filho, que me inspira a enfrentar qualquer desafio.

À minha família em geral que sempre foi base e exemplo na minha vida. À minha namorada que esteve ao meu lado em cada momento dessa pesquisa e aguentou diretamente meu estresse, não me deixando desistir.

Aos membros da banca, que aceitaram contribuir e participar dessa etapa tão importante na minha vida.

Ao meu orientador, Marcus Vinícius Coimbra do Santos, por todas as conversas, pela paciência, pelos conselhos nos vários momentos de dificuldades e ansiedade, pelo exemplo de caráter e de profissional.

Agradeço a todos os meus colegas e amigos em especial os que a vida acadêmica me proporcionou. A galera da Estácio onde comecei essa jornada e a todos que de alguma forma contribuíram nessa caminhada.

Esse trabalho é fruto do conjunto de relações e de pessoas que contribuem para a minha formação humana, e o meu enriquecimento pessoal. Sintam-se todos abraçados e muito obrigado por tudo!

RESUMO

A presente pesquisa tem como objetivo principal investigar como se dá o trato pedagógico com a Educação Física em uma escola da rede pública estadual sob o regime de gestão militarizada na cidade de Goiânia. A investigação tem como eixo central a construção histórica da Educação Física no Brasil, autores como Lino Castellani Filho, Carmem Lucia Soares, Valter Bracht, dentre outros fundamentaram essa pesquisa. Buscou-se também uma compreensão de escola capaz de priorizar a formação humana e entende-se que as relações presentes na educação escolar são mais amplas do que uma transmissão de conteúdo. A metodologia adotada foi a pesquisa social de caráter qualitativo e exploratória, usando da técnica de entrevista semiestruturada para a coleta e análise de dados. Nesta pesquisa pode-se refletir entorno de uma escola onde as relações presentes foram construídas historicamente junto a uma instituição militar, influenciando diretamente o trato pedagógico com a Educação Física escolar. Assume-se aqui, a escola como lugar onde-se desenvolve a formação humana a partir das relações ali presentes e das intenções pedagógicas vinculadas a cada disciplina ou área do conhecimento.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, Concepções de Educação Física, Escola Militar.

ABSTRACT

The present research has as main objective to investigate how the pedagogical treatment with Physical Education occurs in a state public school under the militarized management regime in the city of Goiânia. The research has as its central axis the historical construction of Physical Education in Brazil, authors such as Lino Castellani Filho, Carmen Lucia Soares, Valter Bracht, among others substantiated this research. An understanding of school capable of prioritizing human formation was also sought and it is understood that the relationships present in school education are broader than a transmission of content. The methodology adopted was qualitative and exploratory social research, using the semi-structured interview technique for data collection and analysis. In this research we can reflect around a school where the present relations were historically built with a military institution, directly influencing the pedagogical treatment with the school Physical Education. It is assumed here, the school as a place where human formation develops from the relations present there and the pedagogical intentions linked to each discipline or area of knowledge.

Keywords: School Physical Education, Conceptions of Physical Education, Military School.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: ESTABELECENDO UMA IDENTIDADE NA ESCOLA	12
2 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO HUMANA.....	26
3 METODOLOGIA	32
3.1 A PESQUISA QUALITATIVA E OS INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS.....	32
4 A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA PRESENTE NO COLÉGIO ESTADUAL DA POLÍCIA MILITAR DE GOIÁS POLIVALENTE MODELO VASCO DOS REIS	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICES	50

INTRODUÇÃO

O processo de militarização das escolas públicas estaduais é um tema bastante discutido no cenário nacional e cada vez mais polêmico. No Estado de Goiás essa discussão está presente desde 2009, ano em que a secretaria de educação e a secretaria de segurança pública firmaram um acordo para o processo de militarização de algumas escolas estaduais. O clamor público por essa gestão militarizada vem aumentando, assim como o número de escolas que passam por esse processo. Logo, esse assunto vem sendo amplamente discutido no campo da educação.

A Educação Física escolar brasileira durante grande parte da sua trajetória foi fortemente influenciada pelas instituições militares. A ideia de uma Educação Física militarista perpassa pela afirmativa de Soares et al. (1992), que aponta os instrutores físicos do exército como os responsáveis por ministrar as aulas de Educação Física nas escolas, levando assim, para dentro dessas instituições os rígidos métodos militares com ênfase na disciplina e hierarquia. Sendo assim, é relevante pensar nas construções históricas e tensões existentes que conduziram a Educação Física a esse cenário.

Atualmente, compreende-se a Educação Física como prática pedagógica ou disciplina que trata pedagogicamente na escola do conhecimento de uma área denominada de cultura corporal de movimento, a qual se propõe ser capaz de contribuir na formação integral do educando. A presente pesquisa é exploratória e tem a finalidade de compreender e refletir sobre o trato pedagógico com a Educação Física em um colégio gerido pela polícia militar do estado de Goiás, para isso é necessária uma análise introdutória que possa esclarecer o estabelecimento de uma identidade da Educação Física.

É essencial uma revisão de literatura para compreender a construção histórica da Educação Física até os dias atuais. Soares (2001) e Castellani Filho (1988) contribuíram na estruturação desse estudo, apontando os caminhos percorridos historicamente pela Educação Física. Bracht (1999), ao tratar a constituição da Educação Física como uma prática pedagógica lembra que essa passou por uma origem médica e militar, chegando a esportivização, que apresenta

vários sentidos/significados e ligações sociais. Esse caminho percorrido remete aos anos 80 com uma série de críticas ao paradigma da aptidão física e esportiva, a qual orientou a prática pedagógica da Educação Física durante quase todo o processo histórico e que ganhou força no período da ditadura militar. Com a chegada mais decisiva das ciências sociais e humanas na área da Educação Física, foi possível uma análise mais crítica. Nesse período, começa uma crise da Educação Física surge várias concepções pedagógicas para entender o objeto de ensino dessa disciplina, buscando assim, justificar sua presença na escola.

Para reflexão e fundamentação desse estudo, é imprescindível entender a escola e a importância da educação na formação humana. Saviani (2015) e Freire (1996) apontam uma escola onde estão presentes relações humanas, que contribuem com a formação integral do sujeito. Fica evidente a escola entendida como um local de desejos, emoções e construção social, deixando o ato de ensinar e aprender mais prazeroso, proporcionando ao aluno uma formação humana completa. A Educação Física é entendida como uma disciplina presente na escola, responsável por um saber sistematizado e capaz de contribuir nessa formação do indivíduo, proporcionando assim uma compreensão crítica dos diferentes temas da cultura corporal e suas relações na sociedade.

Diante disso, essa pesquisa de caráter social, ancorada em Minayo (2002), tem como objetivo principal o interesse de averiguar o trato pedagógico com a Educação Física dentro do Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás Polivalente Modelo Vasco dos Reis, além de identificar se as relações presentes na escola podem influenciar as aulas de Educação Física. Nesse sentido, esse estudo propôs uma pesquisa de campo, com entrevistas semiestruturadas, bem como a organização de um referencial teórico para subsidiar uma reflexão e consideração acerca do problema apontado.

1 A CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: ESTABELECENDO UMA IDENTIDADE NA ESCOLA

Na Europa, especificamente entre os séculos XVII e XIX, surge o conceito de Educação Física presente na sociedade capitalista. Soares (2001) aponta que a origem da Educação Física está ligada a um novo projeto de sociedade existente na Europa no século XIX, mesmo período da consolidação do estado burguês e da burguesia como classe.

Com essa nova sociedade cada vez mais consolidada, surgia uma divisão clara de classes sociais, a classe proletária crescia, como consequência as desigualdades sociais aumentavam gradativamente, sendo justificada em nome do progresso. Em paralelo a esse crescimento, começaram a despertar as primeiras revoluções sociais, por outro lado, as epidemias e doenças aumentavam significativamente e mediante a isso a burguesia se encontrava duplamente ameaçada. Surgiu então, um discurso das classes dominantes, que buscava a reorganização do processo “civilizatório”.

Incorporada de um discurso higienista, emerge a Educação Física, entendida nesse cenário com uma alternativa capaz de viabilizar o processo de formação e construção desse novo homem. Com ênfase nos cuidados com o corpo e nos exercícios físicos essa disciplina surgiu para “moldar” a formação do indivíduo e ajudar no projeto de consolidação e construção da nova sociedade capitalista, a qual o resultado é um homem produtivo/biológico. “A Educação Física será a própria expressão física da sociedade do capital.” (SOARES, 2001, p.6).

A classe burguesa buscou promover um equilíbrio físico e social e nessa perspectiva a Educação Física ganhou protagonismo, legitimada por uma abordagem positivista de ciência em uma sociedade calçada nos ideais de liberdade, igualdade e fraternidade e regida por padrões biológicos. Soares (2001, p. 49) define a constituição da Educação Física:

[...] filha do liberalismo e do positivismo, deles absorveu o gosto pelas leis, pelas normas, pela hierarquia, pela disciplina, pela organização da forma. Do liberalismo, forjou suas “regras” para os esportes modernos (que, não por acaso, surgiram na Inglaterra), dando-lhes a aparência de serem “universais” e vencer na vida pelo seu próprio esforço. Do positivismo, absorveu, com muita propriedade, sua concepção de homem como ser

puramente biológico e orgânico, ser que é determinado por caracteres genéticos e hereditários, que precisa ser “adestrado”, “disciplinado”. Um ser que se avalia pelo que resiste.

A relação da Educação Física com o liberalismo é um dos pilares dos esportes modernos que surge nesse contexto ganhando cada vez mais força. Seguindo o apresentado e a definição feita pela autora, entende-se que a Educação Física independente do espaço a ser tratada, seria uma manifestação de ordem biológica naturalizada pela sociedade que buscava uma disciplina em conjunto da ordem. A burguesia precisava de um espaço para o “adestramento” da classe trabalhadora, sendo o espaço escolar mais apropriado para essa função. A política educacional e a política de saúde juntas ditavam as regras para uma vida “saudável”, a base dessa política era subordinada aos “fenômenos naturais”, conforme aponta o positivismo que coloca o social “subordinado” ao orgânico.

A Educação Física que se estruturava tanto dentro da escola como fora, se expressava com uma visão biológica que teve como objetivo relacionar a educação moral com a educação intelectual. Nesse cenário, manifesta-se uma nova ciência, a eugenia, com ênfase na raça e no nascimento, que se dizia capaz de explicar biologicamente a humanidade, tentando justificar com o argumento da raça toda a exploração de classe. No Brasil, essa nova ciência foi vinculada à Educação Física, sendo discutida em congressos médicos, presente em propostas pedagógicas e em discursos parlamentares com foco na regeneração e embranquecimento da raça.

A Educação Física, tratada principalmente como exercício físico no século XVIII, era agora vista como um elemento da educação importante no processo de controle das formas de pensamento e de ação do “corpo social”. Denominada como ginástica, o exercício físico ganha ênfase no século XIX, sendo introduzido como um conteúdo curricular nas escolas, sempre vinculado à saúde biológica, participando assim, como protagonista em um projeto maior de higienização da sociedade.

No Brasil, a Educação Física se confunde em vários momentos da sua história com as instituições médicas e militares. Para Soares (2001), a medicina social, em sua vertente higienista influencia e condiciona a Educação Física brasileira e a educação escolar em geral. As preocupações com o higienismo começaram no Brasil colonial ainda no século XIX, onde a própria família colonial

era criticada e sofria com questões relacionadas à saúde e a higiene dos corpos. Com esses indicadores, os médicos higienistas deram início a uma política familiar que buscava desenvolver ações pedagógicas voltadas para a higienização das elites como forma de fortalecimento das classes dominantes, sobretudo as de raça branca, mostrando dessa forma, sua superioridade. Nesse período só existia educação e escola para a nobreza.

Posterior à independência em 1822, surge no país um processo de eugeniização da população, reforçando a inferioridade dos escravos negros que constituíam a metade da população do Brasil naquele período. Soares (2001, p.73) destaca que: “Tornava-se necessário, para as elites das colônias, neste quadro populacional, acentuar o caráter “irracional”, “bárbaro” e “primitivo” dos negros, reforçar a ideia de sua inferioridade, configurá-los como ameaça”.

Começava assim, uma política nacionalista que buscava através de uma educação corporal estabelecer um equilíbrio entre população negra e branca, garantindo a procriação focada no melhoramento da geração existente. A Educação Física pensada pelos médicos higienistas e voltada para as elites, se associava a educação sexual, buscando uma “pureza” e o melhoramento da geração existente com ênfase no fortalecimento da raça branca.

A partir de 1850 as preocupações voltadas para a educação das elites eram cada vez maior, isso acentuou o número de propostas médicas, inclusive voltadas para o detalhamento do espaço escolar. A Educação Física, que incluía os exercícios físicos como ginástica, era um valioso meio de medicalização da sociedade e levantou-se assim algumas discussões no sentido de adequá-la por idade e sexo, concedendo ênfase nas diferenças biológicas, o que originou a “pedagogia higiênica”, beneficiando a elite agrária e depois a burguesia.

Com o fim da escravidão em 1888, acarretou na falta de mão-de-obra qualificada e o grande analfabetismo, começaram a surgir as preocupações em relação à educação da população em geral, iniciava-se então um período de busca por uma educação pública, entretanto, existiam poucas escolas públicas e a maioria delas funcionavam de forma precária. Nesse período no Brasil, foram nascendo nas principais cidades o desenvolvimento de uma nova ordem social capitalista, o que

conduziu o país à era do trabalho livre, acabando assim com as relações escravistas.

Diante disso, a nova classe dirigente da época buscou na educação a solução para a integração e incorporação da população marginalizada no processo civilizatório imposto pelo capital. Na busca de uma educação para o povo, a Educação Física novamente ganhou uma atenção especial, assumindo uma importância maior na formação do homem forte e disciplinado que a nova sociedade brasileira necessitava. Rui Barbosa foi um importante nome, o qual defendia essa ideia vinculada à difusão da escola em um período de urbanização, onde a saúde e a educação eram fundamentais. “Era dever primário, como bem diz Rui Barbosa, da existência humana “cuidar do corpo”, “da saúde”, e a ginástica seria o elemento capaz de promover a saúde [...]” Soares (2001, p. 91). Assim, a Educação Física cumpria a sua função de colaborar na formação de corpos saudáveis e dóceis, permitindo uma rápida adaptação ao processo produtivo que se iniciava.

Nesse período, buscou-se uma obrigatoriedade da Educação Física na grade curricular dos institutos educacionais, Catelellani Filho (1988) aponta que o projeto de número 224 criado por Rui Barbosa, denominado “Reforma do Ensino Primário e várias instituições complementares da Instrução Pública”, concedeu à Educação Física um destaque ímpar. A ginástica é uma técnica corporal que ganha ênfase nessa época, trazida pelos imigrantes europeus e reforçada pela medicina na Europa continental, era capaz de promover o alto rendimento atlético com ênfase na resistência e força, e como consequência promovia a saúde, melhorando o rendimento individual e social.

Das inúmeras reformas do ensino que buscavam incorporar a ginástica nos currículos escolares, Soares (2001) destaca o decreto n. 7.247 de 1879 por ter agregado na sua grade curricular um espaço obrigatório para o ensino da ginástica nas escolas no município da Corte. Em 1882, Rui Barbosa sintetiza algumas medidas necessárias para que a ginástica fosse integrada aos currículos escolares, entre elas vale destacar: O caráter obrigatório da disciplina, distinguindo-a das horas de recreio; o reconhecimento dos professores; e a extensão da ginástica para ambos os sexos, preservando a função da mulher na sociedade “mulher-mãe” reprodutora dos filhos da pátria.

No começo do século XX, em plena República liderada por uma elite liberal e burguesa é dado um novo estímulo às atividades econômicas brasileiras. Junto da crescente urbanização, tem-se um aumento da miséria, graças aos trabalhos degradantes e mal pagos, isso acarretou altos índices de doenças e mortalidade nas primeiras décadas da República.

Procurando manter a ordem e o funcionamento da sociedade, os médicos ganham notoriedade na vida administrativa do país, o espaço da cidade passa a ser alvo de grande intervenção médico-higienista, que foram desde medidas sanitárias, até o modo de vida de seus habitantes, buscando a manutenção saudável do corpo social. Nesse cenário, a ginástica ganha destaque, sendo parte importante do movimento médico-social do higienismo, unindo-se às propostas educacionais voltadas ao cuidado do corpo, reforçando, portanto, o pensamento higienista.

Soares (2001) cita que nesse período houve um questionamento sobre o que determinava a degeneração física do brasileiro, ficando claro que esse problema não estava vinculado a falta de exercício físico ou a falta de conhecimento de formas “saudáveis” de viver:

O que tornava o povo miserável, doente, degenerado física e mentalmente eram as condições de vida e de trabalho impostas pelo capital, e que somente mais tarde, na década de 1920, passam a ser denunciadas pelos médicos em seus relatórios e em seus congressos como ameaça à “saúde” da sociedade e da nova ordem, denúncias que tinham o cuidado de isentar de culpa o Estado brasileiro.” (SOARES 2001, p. 103)

A busca por uma adequação dos corpos aos novos padrões exigidos pelo mercado levava ao desgaste corporal e as preocupações eram de que existia um povo doente, miserável e fisicamente fragilizado. A preocupação com o desgaste corporal, inclusive das crianças, era resultado das condições de vida impostas pelo capital, principalmente na sua relação precária de trabalho.

Com o reconhecimento desses problemas, os discursos dos médicos higienistas mudaram de direção, enfatizando os “cuidados com a infância” e com a educação higiênica do povo, implementando assim, diferentes formas de intervenção durante a década de 20, que passava de medidas coercitivas para medidas educativas, responsabilizando portanto, os empresários pela degeneração física e moral da classe operária.

Soares (2001), menciona que este ideário educacional foi fortemente veiculado e debatido em congressos médicos. Com isso, a escola passou a ser vista como um terreno que propiciava a implantação de hábitos de viver sadamente, podendo assim, disseminar a educação higiênica encontrada nos exercícios físicos. A Educação foi ganhando centralidade no projeto de renovação nacional, os médicos em harmonia com educadores orientavam sobre uma educação higiênica com aquisição de novos hábitos. Logo, os médicos aconselhavam a “ginástica natural” conhecida por “jogos ao ar livre” como indispensável na vida escolar, esses ideais foram incorporados ao discurso de pedagogos, entorno da bandeira da Escola Nova, em busca de uma Educação Física intelectual e moral.

A Educação Física escolar no Brasil veio ao longo de sua trajetória sendo utilizada politicamente a serviço da classe dominante como instrumento ideológico e de manipulação. Castellani Filho (1988), ao traçar um panorama da Educação Física brasileira no final do século XIX e o começo do século XX, reforça a constante relação da Educação Física com os propósitos da eugenia, considerando um tímido afastamento das questões relacionadas à higiene, aproximando-se cada vez mais dos cuidados com o desenvolvimento físico.

Entre 1920 e 1928 foram realizadas reformas educacionais contemplando a Educação Física como componente curricular do ensino primário e secundário, subsequente a isso, o assunto ganhou atenção de profissionais da educação. O assunto Educação Física passou a estar presente na Associação Brasileira de Educação (ABE) e em 1928 os professores já reconheciam o seu valor e importância. Um ano depois, na III Conferência Nacional de Educação, foram discutidas pautas relacionadas aos métodos mais adequados de tratar a Educação Física nas escolas primárias e secundárias e sobre a melhor formação/capacitação profissional dos professores.

Nesse mesmo período, começou um debate na ABE sobre a questão dos métodos, devido a um anteprojeto de lei do Ministério da Guerra, que dentre outras coisas, queria sediar e centralizar os assuntos relacionados a Educação Física e desporto, colocando-a como obrigatória em todos os estabelecimentos de ensino a partir de 6 anos de idade, concedendo ênfase ao método francês. Nesta época, fica

evidente que a influência militar já era grande em assuntos relativos aos problemas educativos nacionais, em específico na Educação Física.

Castellani Filho (1988), menciona o texto da Lei Constitucional nº 1 da Constituição dos Estados Unidos do Brasil, promulgada em 10 de novembro de 1937:

[...] Art. 131 – A Educação Física, o ensino cívico e os trabalhos manuais serão obrigados em todas as escolas primárias, normais e secundárias, não podendo nenhuma escola de qualquer desses graus ser autorizada ou reconhecida sem que satisfaça àquela exigência.

Art. 132 – O Estado fundará instituições ou dará o seu auxílio e proteção às fundadas por associações civis, tendo umas e outras por fim, organizar para a juventude, períodos de trabalho anual nos campos e oficinas, assim como promover-lhes a disciplina moral e o adestramento físico, de maneira a prepará-la ao cumprimento dos seus deveres para com a economia e a defesa da nação [...] (CASTELLANI FILHO, 1988, p. 80)

A Educação Física ganhava duplo papel, além de uma preocupação já existente com o processo de eugeniação da raça, passa a existir uma preocupação com a segurança nacional, cabendo ao cidadão brasileiro deveres com a defesa da nação. Ganha relevância assim, a ligação da Educação Física à Educação Moral e Cívica, levando a uma “militarização do corpo”, dessa maneira, auxiliando no desenvolvimento de indivíduos fortes e preparados para defender os interesses da nação.

Com esse duplo papel representado pela Educação Física no Estado Novo, buscou-se uma postura no âmbito escolar voltada para as necessidades apresentadas naquele período histórico. Soares et al. (1992, p. 36) ao contextualizar esse tema coloca que:

No Brasil, especificamente nas quatro primeiras décadas do século XX, foi marcante no sistema educacional a influência dos Métodos Ginásticos e da Instituição Militar. Ressalta-se que o auge da militarização da escola corresponde à execução do projeto de sociedade idealizado pela ditadura do Estado Novo.

A Educação no Estado novo tinha como prioridades políticas educacionais com diretrizes ideológicas que buscavam a exaltação da nacionalidade, onde a educação fica a serviço da nação. Buscou-se a construção de um indivíduo forte e disciplinado que fosse submisso e respeitasse a hierarquia social.

O processo de Militarização da Educação Física evidenciou um processo de transição de instituição médica para instituição militar. A instituição médica perde protagonismo, ficando responsável por fornecer sustentação científica. A relação outrora aluno/paciente, passa a ser uma relação entre professor (Instrutor-Sargento) e aluno (soldado). Destaca-se que, os profissionais que atuavam nas escolas nesse período eram os instrutores formados pelas instituições militares.

Com o fim do Estado Novo, as políticas educacionais passaram a ser associadas a qualificação profissional com tendências tecnicistas, reforçando um caráter instrumental, zelando pela preparação, recuperação e manutenção da força de trabalho. O físico do trabalhador ganhava importância no contexto industrial. Castellani Filho (1988, p. 108) ressalta que:

A Compreensão de Educação Física enquanto 'matéria curricular' incorporada aos currículos sob a forma de atividade — ação não expressiva de uma reflexão teórica, caracterizando-se, dessa forma, no 'fazer pelo fazer' — Explica e acaba por justificar sua presença na instituição escolar, não como um campo do conhecimento dotado de um saber que lhe é próprio, específico — cuja apreensão por parte dos alunos refletiria parte essencial da formação integral dos mesmos, sem a qual, esta não se daria — mas sim enquanto uma mera experiência limitada em si mesma, destituída do exercício da sistematização e compreensão do conhecimento, existente apenas empiricamente. Como tal, faz reforçar a percepção da Educação Física acoplada, mecanicamente, à 'Educação do Físico', pautada numa compreensão de Saúde de índole bio-fisiológica [...]

Desse modo, o entendimento de saúde bio-fisiológica se justificava na legislação esportiva brasileira, onde um dos objetivos básicos era o aprimoramento da aptidão física da população. Inicia-se a transição da mudança de centralidade da ginástica para o esporte, como prática corporal predominante.

Embora a relação da Educação Física com o esporte sempre esteve presente, foi no decorrer do século XX que o esporte ganha ênfase, dando início a um processo conhecido como “Esportivização da Educação Física escolar”. A valorização da Educação Física nesse período é atrelada a valorização do esporte e vinculada a formação do trabalhador, via melhoramento da aptidão física.

Bracht (1999), comenta sobre a nova perspectiva que a Educação Física foi ganhando nessa época. Começou-se uma supervalorização da aptidão física, vinculada aos fenômenos esportivos. A assimilação do esporte no ambiente escolar apresentava “vantagens” perante a ginástica, além de preparar o corpo para o

trabalho, dava um novo sentido/significado, como o de preparar as novas gerações para representar o país no campo esportivo nacional e internacional.

A ginástica, que já incorporava jogos e esportes em seus métodos, perdeu espaço para os esportes, práticas corporais dominantes nas escolas durante o século XX. Bracht (1999, p.75), explica que o esporte assim como a ginástica, é um fenômeno polissêmico, podendo apresentar vários sentidos/significados e ligações sociais:

A pedagogia da EF incorporou, sem necessidade de mudar seus princípios mais fundamentais, essa “nova” técnica corporal, o esporte, agregando agora, em virtude das intersecções sociais (principalmente políticas) desse fenômeno, novos sentidos/significados, como, por exemplo, preparar as novas gerações para representar o país no campo esportivo (internacional).

Logo, o esporte substitui com excelência a ginástica, sendo mais eficaz como técnica corporal, capaz de corporificar e condensar os princípios que cada indivíduo precisa incorporar. A pedagogia da Educação Física não precisou mudar seus princípios fundamentais para internalizar essa nova técnica corporal, o esporte, proporcionado agora a esse fenômeno novos sentidos e significados como o de representação do país.

Entre os anos 60 e 70, a Educação Física começa a ser entendida ou subjugada pelo “esporte de alto nível”. Ghiraldelli Junior (1991) classifica a Educação Física desse período como Competitivista, justificando que:

O sustentáculo ideológico dessa concepção é a própria ideologia disseminada pela tecnoburocracia militar e civil que chegou ao poder em março de 1964. A ideologia do “desenvolvimento com segurança”, produzida e divulgada na Escola Superior de Guerra — ESG —, deu o tom principal para a ideia de uma tecnização da Educação e da Educação Física no sentido de uma racionalização despolitizadora (cf. Ghiraldelli, 1986a), capaz de aumentar o rendimento educacional do país e, na área da Educação Física, promover o desporto representativo capaz de trazer medalhas olímpicas para o país (p. 30).

Novamente o cenário esportivo ganha ênfase, graças ao seu sentido polissêmico. Em virtude dessa ideologia citada pelo autor, a ideia do tecnicismo ganhou força na Educação Física escolar, dessa forma, seria possível promover o esporte e o rendimento educacional, além de representá-lo em competições internacionais.

Castellani Filho (1988), a respeito do esporte, lembra sua capacidade de assumir diversos sentidos, dessa forma, em vários momentos as esperanças e frustrações do povo brasileiro eram transferidas para o esporte. Um exemplo disso foi à importância do tricampeonato da seleção brasileira de futebol em 1970, que nesse mesmo ano ganhou força o movimento conhecido como “esporte para todos”, mascarando um cenário sócio-político nacional da época. Ghiraldelli Junior (1991), ressalta que essa Educação Física voltada para a competição era incentivada pela ditadura, pois representava um “Brasil Grande” internacionalmente.

Ambos os autores citados acima reforçam o objetivo por trás do esporte de alto rendimento, amplamente divulgado pela mídia, que tinha a função de atuar como “analgésico” nos movimentos sociais e que eram forte resistência ao movimento de 1964. A Educação Física não estava mais ligada apenas às questões do desenvolvimento, esta respondia agora a outros anseios relacionados à segurança, trocando a ideologia nacionalista-desenvolvimentista pela ideologia de “segurança com desenvolvimento”.

Na década de 70, os vínculos entre nacionalismo e esporte eram cada vez maiores, o governo militar buscava investir em uma Educação Física que estava vinculada a manutenção da ordem e do progresso. No Decreto n. 69.450, em 1971, foi considerada como “a atividade que, por seus meios, processos e técnicas, desenvolve e aprimora forças físicas, morais, cívicas, psíquicas e sociais do educando” (BRASIL, 1997. p. 21).

Pensando em uma Educação Física escolar que é voltada ao estudo e desenvolvimento da aptidão física, Soares et al. (1992) propõem a seguinte reflexão:

Nessa linha de raciocínio pode-se constatar que o objetivo é desenvolver a aptidão física. O conhecimento que se pretende que o aluno apreenda é o exercício de atividades corporais que lhe permitam atingir o máximo rendimento de sua capacidade física. Os conteúdos são selecionados de acordo com a perspectiva do conhecimento que a escola elege para apresentar ao aluno. (p.24)

Fica claro a importância do esporte nesse cenário, possibilitando o exercício do alto rendimento. Nessa perspectiva, as atividades corporais praticadas são as modalidades esportivas que geralmente são escolhidas de acordo com seu prestígio junto à sociedade. A Educação Física até esta época estava em sintonia com os

projetos vigentes, buscando o desenvolvimento e a segurança da nação, ajudando na conformação de uma sociedade marcada pela divisão de classes. Na perspectiva escolar, foi contribuindo historicamente para os interesses capitalistas.

Entre os anos 70 e 80 começava um esgotamento político do regime militar, levando a uma forte recessão econômica, instaurando, portanto, uma crise que atingiu quase todos os setores da sociedade. Na educação, em geral, surgia as preocupações com as desmazelas do ensino e vários movimentos aparecem procurando repensar a estrutura educacional, porém, a Educação Física não seguiu esse caminho, com a crescente do capitalismo e da sociedade de consumo, a Educação Física vinculada ao esporte continuava a atender bem a função que lhe era destinada.

Soares et al. (1992) aponta que nesta época surgiram os movimentos “renovadores” no campo da Educação Física, do qual faz parte o movimento “humanista”, que crítica as correntes comportamentalistas. A introdução das ciências humanas e sociais na área da Educação Física levou ao surgimento de uma análise crítica do paradigma da aptidão física, que teve como eixo central a função social da educação e em particular da Educação Física perante a sociedade capitalista, marcada pela dominação e as injustas diferenças de classes. Bracht (1999, p.78) enfatiza que:

Toda a discussão realizada no campo da pedagogia sobre o caráter reprodutor da escola e sobre as possibilidades de sua contribuição para uma transformação radical da sociedade capitalista foi absorvida pela EF. A década de 1980 foi fortemente marcada por essa influência, constituindo-se aos poucos uma corrente que inicialmente foi chamada de revolucionária, mas que também foi denominada de crítica e progressista.

O Movimento renovador de viés crítico foi mais radical na sua crítica ao paradigma da aptidão física. Nesse período, surgiram os primeiros cursos de pós-graduação em Educação Física, ao mesmo passo do retorno de professores doutorados para o Brasil, aumentando o número de livros e publicações em revistas, além dos números de congressos e eventos que contribuíam para o debate e fertilização para novas tendências e propostas para a Educação Física.

A partir de então, essa teorização se voltou para uma busca da legitimação acadêmica e pedagógica da Educação Física, a discussão era sobre o seu próprio

conhecimento, em busca de um conteúdo que lhe fosse próprio, garantindo assim, sua autonomia diante dos conhecimentos que vinham sustentando até então. Castellani Filho (1999), em sua tese de doutorado levanta um conjunto de abordagens e concepções pedagógicas no que concerne a metodologia do ensino, agrupadas em não propositivas e propositivas.

- Não propositivas – São as que tratam a Educação Física escolar sem levantarem uma metodologia de ensino específica. Tem-se as abordagens fenomenológica (Santin e Moreira), Sociológica (Betti) e Cultural (Daólio).
- Propositivas não sistematizadas – Todas concebem uma outra concepção de Educação Física escolar, mas sem uma sistematização metodológica. Tem-se a Desenvolvimentista (Go Tani), Construtivista ou Psicomotora (João Batista Freire), crítico-emancipatória (Eleonor Kunz), uma originária da abordagem Cultural, batizada de Plural e uma outra proposta (Reiner Hildebrandt) denominada Aulas Abertas.
- Propositivas Sistematizadas – São citadas duas concepções: A abordagem da Aptidão Física e a Crítico-Superadora que sistematizam uma metodologia de ensino específica para Educação Física escolar.

Cada uma dessas abordagens/concepções trata o que é Educação Física e seu objeto de estudo, seja como ciência ou como componente curricular de formas e denominações diferentes. Entres essas denominações, tem-se o movimento humano, cultura corporal, cultura corporal de movimento, motricidade e etc.

Bracht (1999), ressalta que várias dessas propostas surgem como um “antídoto” para um conjunto de características presentes atualmente na cultura corporal ou de movimento e que produzem falsa consciência, transformando os indivíduos em objetos acríticos da indústria cultural. Assim, o autor levanta a importância fundamental de entender o objeto de estudo da Educação Física:

Para realizar tal tarefa é fundamental entender o objeto da EF, o movimentar-se humano, não mais como algo biológico, mecânico ou mesmo apenas na sua dimensão psicológica, e sim como fenômeno histórico-cultural. Portanto, essa leitura ou esse entendimento da educação física só criará corpo quando as ciências sociais e humanas forem tomadas mais intensamente como referência. No entanto, é preciso ter claro que a própria utilização de um novo referencial para entender o movimento humano está na dependência da mudança do imaginário social sobre o corpo e as atividades corporais (Bracht 1999, p.81)

Procurou-se então, entender o objeto da Educação Física, o movimentar humano, apresentando seus objetivos, repensando seu papel e a sua função social. Fica evidente vários desafios para as teorias progressistas, como a implementação das práticas pedagógicas e suas bases teóricas epistemológicas, além da dificuldade de mudar a concepção de Educação Física presente na sociedade. A maioria dessas propostas buscam na Educação Física escolar uma formação crítica, capaz de formar indivíduos autônomos e cidadãos políticos. Vários professores em todo Brasil, vem se apropriando dessas concepções, refletindo e reinterpretando-as para uma melhor prática pedagógica de ensino.

Dentre as concepções citadas, as propositivas sistematizadas ganham destaques por serem as únicas que sistematizam uma metodologia de ensino específica para Educação Física escolar: A abordagem da Aptidão Física e a Critico-Superadora. A primeira ganha proeminência devido a um movimento de atualização e renovação do paradigma da aptidão física, com ênfase na promoção de saúde, Bracht (1999), salienta que essa vertente se apoia nos conhecimentos biológicos relacionados a importância da atividade física sobre a saúde do indivíduo e as novas condições urbanas que levam ao sedentarismo, nesse contexto, a Educação Física é a que proporciona uma educação para a saúde ou para “promoção da saúde”.

A segunda concepção, a abordagem Critico-Superadora, é muito relevante para essa pesquisa porque vincula-se a uma teoria crítica da educação voltada para uma reflexão crítica do papel da educação na sociedade capitalista, a qual esse estudo é coeso. Essa proposta se concretiza no livro *Metodologia do ensino da educação física*, feito por um coletivo de autores em 1992. Bracht (1999) aponta que essa proposta entende o objeto de conhecimento da Educação Física, sendo a cultura corporal, que se concretiza em diferentes temas.

Soares et al. (1992), considera a Educação Física uma disciplina que trata pedagogicamente na escola esse conhecimento, denominado de cultura corporal e que o estudo visa apreender a expressão corporal como linguagem.

O homem se apropria da cultura corporal dispondo sua intencionalidade para o lúdico, o artístico, o agonístico, o estético ou outros, que são representações, ideias, conceitos produzidos pela consciência social e que chamaremos de "significações objetivas". Em face delas, ele desenvolve um "sentido pessoal" que exprime sua subjetividade e relaciona as significações

objetivas com a realidade da sua própria vida, do seu mundo e das suas motivações. (p.41)

Os temas da cultura corporal tratados na escola são produzidos pela consciência social, mas após serem sistematizados e socializados nas aulas passam a expressar um sentido e significado pessoal que abrangem a compreensão das relações de interdependência presente entre eles. Deste modo, a Educação Física através do jogo, esporte, ginástica, dança, dentre outros, é capaz de tratar grandes problemas sócio-políticos, levando a uma reflexão e possibilitando ao aluno entender a realidade social presente a partir da sua realidade e interesses de classe social.

Essa proposta e outras que se derivam diretamente da pedagogia crítica brasileira são capazes de contribuir na formação humana de indivíduos autônomos e cidadãos políticos, abrangendo a concepção de mundo apontada nessa pesquisa. Vários professores em todo o Brasil, vem se apropriando dessas propostas, refletindo e reinterpretando-as para uma melhor prática pedagógica de ensino. Apesar do grande desafio, muitas experiências inovadoras vão surgindo em meio a esse cenário, em contrapartida, a Educação Física voltada para o esporte e a aptidão física ainda está presente e enraizada em várias escolas.

2 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO HUMANA

*Escola é...
o lugar onde se faz amigos
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...
Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima. [...]
(A escola, Paulo Freire)*

No poema “A escola ...”, escrito por Paulo Freire, pode-se ver a tradução de uma concepção de escola que se preocupa com a formação humana, um lugar de alegria, que proporciona prazer, onde é fácil educar-se. Para essa pesquisa considera-se uma educação capaz de levar o educando a pensar, compreender e refletir entorno do mundo onde ele está inserido, reconhecendo-se como um ser atuante, um sujeito que faz e participa da história.

Entende-se que as relações presentes na educação escolar são mais amplas do que uma transmissão de conteúdo, nesse sentido, os professores ganham papel de destaque. Tomando como referência essa concepção de escola e levantando preocupações reveladas pelo autor citado acima em sua pedagogia entorno das relações presentes na escola, entende-se que esse ambiente é próprio para a aprendizagem, logo, as relações tem que ser permeadas pelo diálogo e pela afetividade, muito além do espaço físico existem relações humanas que fazem da escola um ambiente de transformação social e não podem jamais deixarem de cumprir seu papel crítico e criativo.

A educação sempre esteve presente na história da humanidade, passando por inúmeras transformações, conforme cada contexto histórico. Saviani (2015), afirma que o homem precisa produzir continuamente sua própria existência, nesse sentido, busca adaptar a natureza a si para atender suas necessidades com ações intencionais através do trabalho, sendo assim, a própria educação é uma relação de trabalho e por meio desse processo de transformação da natureza dá-se início ao mundo humano ou o mundo da cultura.

A educação participa da produção contínua do homem, sendo esta também uma forma de trabalho que o autor categoriza como trabalho não material, uma atividade humana em que o produto não se separa do ato de produção. Assim,

pode-se afirmar que essa categoria de trabalho trata de um conjunto de conhecimentos específicos do homem, chamado de ciências humanas, Saviani (2015, p. 287) diferencia esses saberes dos conhecimentos garantidos pela natureza:

[...] Portanto, o que não é garantido pela natureza tem que ser produzido historicamente pelos homens; e aí se incluem os próprios homens. Podemos, pois, dizer que a natureza humana não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Consequentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. [...]

Neste seguimento, o objetivo da educação é reconhecer os elementos culturais que precisam ser compreendidos pelos homens, tendo como objetivo buscar maneiras adequadas de transmitir esse conhecimento. Nesse contexto, a escola tem um papel fundamental de socializar esses conhecimentos, o saber sistematizado.

A escola nem sempre esteve presente na sociedade, bem como nem sempre existiu a mesma concepção de escola, ela atendeu em diferentes épocas demandas sociais e históricas, sendo transformada e adaptada às necessidades presentes em cada cenário histórico e socialmente construído. A educação em si manteve relações de poder, ainda que sem um espaço estruturado e institucional. Segundo Chervel (1990), a sociedade vem impondo à escola suas finalidades e por meio das disciplinas escolares o saber cultural é transmitido, sendo assim, essas disciplinas são responsáveis por atender as necessidades sociais, que melhor contribui para a formação do educando.

A instituição escolar em seu contexto histórico teve diferentes objetivos, conforme a necessidade de cada período, mas sempre esteve amarrada à interesses de classes. A escola surgiu com a ideia de ser um local que permitia instruir e educar, enfatizando a disciplina e educando para moral, formando “corpos dóceis”, o homem era visto como mau por natureza e necessitava dessa educação desde criança para aprender a obedecer às regras e conviver em sociedade.

Com o tempo, a concepção de escola começava a ganhar novos caminhos. Com a burguesia em acessão, a educação escolar passa a ser vista por outro

aspecto, começa a formação das estruturas de escolas tradicionais, privilégio das classes dominantes. A partir do século XVIII, junto com as revoluções, a classe trabalhadora começou a lutar por melhores condições, Pilletti (1996), coloca que nesse contexto a escola começa a ser transformada, não fazendo sentido ser restrita as classes dominantes, surge, portanto, um modelo de educação tecnicista que tinha como objetivo contribuir na formação da mão de obra qualificada.

De forma lenta a escola começou a se organizar em um sistema único que buscava atender a todos, logo, ganhou força uma educação organizada entorno dos princípios liberais, buscando uma educação para todos: Laica, pública, obrigatória, gratuita e universal. No Brasil, esses princípios só apareceram no começo do século XX com o movimento da Escola Nova, ainda assim, as dificuldades eram inúmeras, principalmente sobre o acesso ao ensino de qualidade com princípios liberais definidos.

O cenário escolar brasileiro atual também sofre várias dificuldades e enfrenta inúmeros desafios. Mesmo com os avanços e legalizações presentes na constituição de 1988 e a com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, LDB 9394/96, a realidade ~~ainda~~ mostra uma escola que ainda não consegue ter um ensino de qualidade e acaba reproduzindo uma educação para as classes dominantes.

Para entender a concepção de escola nos dias atuais é preciso conhecer a função da escola. Logo, Saviani (2015, p. 288), faz considerações importantes apontando a escola como uma instituição que tem como objetivo socializar o saber sistematizado.

Veja bem: eu disse saber sistematizado; não se trata, pois de qualquer tipo de saber. Portanto, a escola diz respeito ao conhecimento elaborado e não ao conhecimento espontâneo; ao saber sistematizado e não ao saber fragmentado; à cultura erudita e não à cultura popular.

A necessidade de organizar e socializar esse saber sistematizado é que legitima a existência da escola, sendo a instituição responsável por transmitir um conhecimento elaborado presente nas relações do homem com o mundo, sendo capaz contribuir na formação humana do indivíduo, proporcionando um desenvolvimento integral deste.

Dessa maneira, existe uma preocupação com uma educação voltada para a democracia, que busca o desenvolvimento e oferece ao educando instrumentos capazes de desenraizar as relações de opressão presentes na sociedade. Freire (1967, p.90) ressalta a necessidade de:

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro.

A escola, diante do exposto, necessita discutir os problemas presentes nas relações humanas, precisa ser um lugar que construa relações verdadeiras e sólidas, possibilitando a criação de redes de conhecimento, um espaço de encontro e de diálogo, o qual os educandos sejam capazes de fazer uma leitura da realidade, buscando um entendimento e vislumbrando a construção de uma nova sociedade.

Em sua pedagogia, Paulo Freire revela uma preocupação voltada para as relações presentes nas escolas, compreendendo este lugar como um ambiente que favorece à aprendizagem, privilegiando a libertação através do entendimento da realidade existente na sociedade. A relação professor-aluno ganha destaque nesse cenário e é marcada pelo diálogo e a afetividade, o que favorece uma troca de conhecimento, a qual priorize o debate de ideias e reflexões. A atividade docente é uma experiência única e sua alegria é viva no ato de ensinar, pode-se entender sobre essa percepção que: “A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir a discussão criadora, sob pena de ser uma farsa” (FREIRE, 1967, p. 97).

A escola como um espaço de formação humana é entendida como um lugar onde estão presentes os desejos e as emoções, onde são construídos os sentidos. O ato de ensinar não se limita apenas a transmissão do conhecimento, ensinar exige uma série de competências, é preciso que os educadores façam uma reflexão em torno de desvelar o caminho das suas práticas pedagógicas.

Santos (2015), em sua tese de mestrado sobre *INDISCIPLINA ESCOLAR SOB O OLHAR DOS DIREITOS HUMANOS: a busca pela responsabilidade partilhada e pela alegria na escola*; coloca a escola como um espaço de construção

e reflexão cultural, que almeja a estruturação do futuro, levando o conhecimento às futuras gerações, necessário para a modificação das estruturas sociais.

[...] A escola não se presta a um único sentido ideológico, mas antes, é um campo que construirá toda uma coletividade. A mesma coletividade que, necessariamente deve participar da formação de seus jovens, refletindo a pluralidade que lhe é inerente” (SANTOS. 2015, p. 43).

Em contrapartida a essa concepção de escola, tem-se no Brasil e especialmente em Goiás um processo cada vez maior de militarização das escolas públicas, sendo justificado por uma educação voltada a disciplina e moralização (padronização) dos/as estudantes. A escola em muitos momentos apropria-se de outras instituições, como neste caso, as militares, assumindo características de um regime absolutista.

O estado de Goiás é um exemplo dessa apropriação das escolas, este vem passando ao longo dos anos por mudanças significativas no âmbito educacional. Existe uma crescente consolidação do ensino militarizado na rede pública, o que gera várias discussões e reflexões sobre a apropriação da escola por outras instituições, tanto no meio acadêmico, quanto na sociedade em geral. Santos (2016) aponta que o aumento dos CEPMG (Colégios Estaduais da Polícia Militar do Estado de Goiás), levou a movimentações da sociedade civil e de outras instituições, provocando assim, uma certa resistência a esse tipo de ensino. Segundo este autor, a instituição militarizada se apresenta de forma ideológica, levando a população a acreditar que esse tipo de gestão escolar possa ser a solução para os problemas educacionais do estado.

Silva e Araújo (2018), lembra que em 1976 já existia o colégio da polícia militar do Estado de Goiás (CPMG) na estrutura organizacional da polícia militar (PM), servia como um órgão de apoio. O primeiro colégio militar do estado goiano foi criado em 1998, voltado para educação básica, buscava atender os filhos dos militares e dos civis. Os CEPMG's, apesar de serem administrados pela PMGO, permanecem ligados à secretaria de educação do estado, diminuindo as características presentes em uma instituição exclusivamente militar e mantem o objetivo de transmissão do conhecimento.

Entende-se a escola como uma instituição social que ao longo da sua existência passou por diversas transformações. Na sociedade atual, essa instituição deve ter como objetivo transmitir conhecimento, buscando uma universalização e contribuindo na formação humana a fim de tornar os sujeitos mais autônomos e independentes nas suas relações. Sabe-se também que a escola não é a única responsável pelas transformações da sociedade, na maioria das vezes ela é conduzida à manutenção das estruturas, relações sociais e econômicas dominantes, estruturas estas que inviabilizam e dificultam a própria transformação.

Seria necessária uma prática pedagógica não apenas no ambiente escolar, a ênfase precisaria ser na comunidade, valorizando a experiência contida nas relações humanas, respondendo às necessidades de cada indivíduo. Nesse sentido amplo, a educação é entendida como um recurso valioso a serviço da democratização, levando a uma reforma da sociedade em conjunto da reforma da educação. A escola nesse cenário, contribuiria com sua função principal, que é a de formação humana, capaz de transformar a sociedade.

3 METODOLOGIA

3.1 A PESQUISA QUALITATIVA E OS INSTRUMENTOS DE COLETAS DE DADOS

O presente estudo trata-se de uma pesquisa social, que segundo Gil (2008) permite a obtenção de novos conhecimentos em torno da realidade social, relativa ao homem e seus relacionamentos com outros homens e com as instituições sociais. É uma pesquisa de caráter qualitativa, ou seja, aprofunda-se no mundo dos significados, presentes nas ações e relações humanas e busca uma compreensão da realidade humana que é vivida socialmente, segundo Minayo (2002).

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (p. 21-22)

Nesse sentido, reconhece-se a importância de verificar a complexidade do determinado problema a ser pesquisado, não sendo possível quantificar em dados ou levantamentos numéricos essa realidade proposta.

A pesquisa tem a intenção de descrever as características dos fenômenos presentes no espaço pesquisado, de tal modo que, os pesquisadores estão envolvidos e preocupados com o processo e não somente com os resultados. Fica evidente a complexidade presente na pesquisa qualitativa, tendo em vista que, o processo de investigação busca compreender e refletir entorno dos significados existentes no espaço pesquisado, que são resultantes da relação entre sujeito e objeto investigado, o que norteia esse estudo.

A presente pesquisa tem como finalidade uma análise e reflexão sobre a Educação Física em uma escola de gestão militarizada na cidade de Goiânia, Goiás. Busca entender o trato pedagógico dessa disciplina na instituição, para tanto, não se preocupou em quantificar dados, mas sim em compreender e explicar a dinâmica de ensino nessa escola.

As relações sociais construídas historicamente na sociedade capitalista levaram a educação de algumas escolas públicas a serem geridas por instituições

militares. Nesse sentido esse estudo que caracteriza-se como uma pesquisa do tipo exploratória busca refletir entorno dessas relações, possibilitando maior proximidade e entendimento do problema proposto, nesse sentido Gil (2002 p. 41) aponta que:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.

O delineamento dos procedimentos empregados nesse estudo demanda um aprimoramento das ideias existentes sobre o problema da pesquisa, bem como, levanta hipóteses que buscam explicar o trato pedagógico da Educação Física no espaço pesquisado. Assume-se, desse modo, um planejamento flexível que procura considerar os aspectos variados presentes no problema pesquisado, proporcionando uma reflexão entorno deste e impulsionando assim, novos estudos.

Para definição da amostragem, essa pesquisa apoiou-se em Minayo (2002), a qual afirma que na pesquisa qualitativa o critério numérico não aumenta sua representatividade, o que importa é a relevância dos “indivíduos sociais” e sua vinculação com o problema a ser investigado. Com o intuito de atender essa perspectiva, o primeiro passo foi definir o espaço relevante no qual o problema proposto pudesse ser investigado. Para tanto, optou-se pelo Colégio Estadual da Polícia Militar de Goiás Polivalente Modelo Vasco dos Reis, situado na rua T-48, esquina com a Avenida Mutirão, S/N, setor oeste, na cidade de Goiânia, estado de Goiás, que foi militarizado em 26 de outubro de 2007. Entende-se esse colégio como um espaço que atende às necessidades desta pesquisa, pois foi militarizado há mais de dez anos e conta com um quadro de professores que atuam na instituição há muito tempo e já entendem a realidade presente no espaço pesquisado.

A técnica escolhida para a coleta de dados foi a entrevista. Minayo (2002) destaca que a entrevista enquanto técnica é o procedimento mais usual no trabalho de campo, o que permite ao pesquisador obter dados relevantes contidos nas falas dos atores sociais. “Nesse sentido, a entrevista, um termo bastante genérico, está sendo por nós entendida como uma conversa a dois com propósito bem definidos” (p. 57). Através desse procedimento será possível adquirir dados objetivos e subjetivos, fundamentais para esta pesquisa. Optou-se por uma entrevista

semiestruturada, ou seja, não muito rígida e direcionada ao objeto de pesquisa, evitando confundir e interferir na articulação das categorias conceituais.

No início, a intenção era a entrevista com quatro professores, dois de cada turno, além do coordenador de Educação Física e do comandante geral da escola, porém, no decorrer da coleta de dados surgiram muitas dificuldades no que diz respeito a organização dos horários e disponibilidade dos possíveis entrevistados, o que impossibilitou que todos fossem entrevistados. Nesse sentido, seguiu-se a pesquisa com as entrevistas obtidas, entendendo que já havia material suficiente para responder e refletir sobre o objetivo proposto por esse estudo.

No total foram entrevistados dois professores, sendo um do turno matutino e outro do vespertino, ambos trabalham na instituição de ensino há mais de dez anos e na rede estadual há mais de quinze anos, são graduados pela Escola Superior de Educação Física e Fisioterapia do Estado de Goiás (ESEFFEGO) na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Foi entrevistado também o coordenador do sistema de Educação Física do colégio CEPMG, que é subtenente da polícia militar do Estado de Goiás, graduou-se em Educação Física também pela (ESEFFEGO) e é responsável pelo desenvolvimento da Educação Física no colégio pesquisado. Entende-se que esses são “indivíduos sociais” de grande relevância para a pesquisa.

A entrevista semiestruturada como um instrumento de coleta de dados contou com perguntas elaboradas com base nos objetivos da pesquisa. Triviños (1987, p. 146) esclarece que:

É útil esclarecer, para evitar qualquer erro, que essas perguntas fundamentais que constituem, em parte, a entrevista semi-estruturada, no enfoque qualitativo, não nascem *a priori*. Elas são resultado não só da teoria que alimenta a ação do investigador, mas também de toda a informação que ele já recolheu sobre o fenômeno social que interessa [...]

As perguntas da entrevista foram embasadas nos estudos decorrentes do problema da pesquisa, ou seja, buscam esclarecer a realidade presente na escola pesquisada a respeito do trato pedagógico nas aulas de Educação Física. As perguntas foram escolhidas pelo pesquisador, não sendo permitido ao entrevistado criar novas questões ou alterar as ordens destas, facilitando, portanto, a análise e articulações dos dados.

Apresentado o tipo de pesquisa desenvolvida nesse estudo e reconhecendo o instrumento para coleta de dados, chega-se à fase de análise de dados. Minayo (2002) chama a atenção para três obstáculos para uma análise eficiente, o primeiro destes: A ilusão do pesquisador em encontrar conclusões à primeira vista, podendo levá-lo a uma simplificação dos dados. O segundo refere-se ao envolvimento com os métodos e técnicas, conduzindo o pesquisador a esquecer os significados presentes em seus dados. O terceiro obstáculo relaciona-se com a dificuldade em articular as conclusões dos dados concretos com o conhecimento mais amplo e abstrato. Dessa forma, estes obstáculos podem direcionar a um distanciamento da fundamentação teórica e da prática da pesquisa.

Portanto, essa pesquisa busca estabelecer uma compreensão dos dados coletados, construindo respostas acerca do problema pesquisado, ampliando assim, o conhecimento sobre o assunto e incentivando novas pesquisas sobre o contexto cultural, o qual esse estudo faz parte.

4 A CONCEPÇÃO DE EDUCAÇÃO FÍSICA PRESENTE NO COLÉGIO ESTADUAL DA POLÍCIA MILITAR DE GOIÁS POLIVALENTE MODELO VASCO DOS REIS

Durante a pesquisa buscou-se um levantamento histórico da Educação Física e suas várias concepções presentes no cenário social e econômico brasileiro. Foi transmitido uma visão de escola, que tem o papel de contribuir na formação humana, nesse sentido, a Educação Física escolar ganha uma importante função, sendo esta, uma disciplina capaz de potencializar a formação humana do indivíduo.

Tendo em vista o objetivo dessa pesquisa, será feito uma reflexão sobre o trato pedagógico com a Educação Física no colégio pesquisado, que outrora foi um espaço marcado por grande influência histórica. Bracht (1999), comenta que no período de ditadura militar a esportivização e a pedagogia voltada para a aptidão física foi a concepção presente na Educação Física escolar.

Assim, o nascimento da EF se deu, por um lado, para cumprir a função de colaborar na construção de corpos saudáveis e dóceis, ou melhor, com uma educação estética (da sensibilidade) que permitisse uma adequada adaptação ao processo produtivo ou a uma perspectiva política nacionalista, e, por outro, foi também legitimado pelo conhecimento médico-científico do corpo que referendava as possibilidades, a necessidade e as vantagens de tal intervenção sobre o corpo. (BRACHT. 1999, p. 73)

Sempre legitimada pelo conhecimento médico-científico, essa Educação Física que busca formar corpos saudáveis e dóceis, leva a uma manutenção da classe dominante no poder, e conseqüentemente à uma manutenção do *Status Quo*. Essa perspectiva é classificada por muitos autores como o paradigma da aptidão física. Soares et al. (1992, p. 24) levanta que:

Na perspectiva referenciada, o esporte é selecionado porque possibilita o exercício do alto rendimento e, por isso, as modalidades esportivas selecionadas são geralmente as mais conhecidas e que desfrutam de prestígio social, como, por exemplo, voleibol, basquetebol etc.

A Educação Física voltada para o alto rendimento ganhou força desde o período da ditadura militar e se enraizou na instituição escolar de tal maneira que no senso comum acredita-se que seja a única forma de se trabalhar essa disciplina, nessa perspectiva, os esportes, em especial os mais conhecidos, ganham ênfase, sendo frequentemente os únicos conteúdos tratados nas aulas.

Buscando entender sobre a relação de conteúdos tratados nas aulas de Educação Física no colégio CEPMG Vasco dos Reis, foi perguntado aos professores como acontece a escolha e a organização dos conteúdos a serem tratados nas aulas. O professor (A) apontou que segue as orientações da secretaria estadual de educação e citou o currículo da Educação Física, promovendo questões importantes como a não estruturação adequada do mesmo, o que ocasiona brechas, de modo que seja possível realizar diferentes interpretações.

É exatamente, nós seguimos as orientações da secretaria estadual de educação, como a educação física não tem um currículo definido, estruturado aquele igual as outras matérias tem, então ele fica assim, tem a diretriz que é uma orientação, mas nós dividimos por bimestre mas, sempre no bimestre tem uma modalidade esportiva, sempre em cada bimestre, pode ter outro conteúdo mas também junto com esse outro conteúdo nós colocamos sempre uma modalidade esportiva, pelo histórico da instituição como foi organizado. (PROFESSOR A)

Sabe-se que o currículo da Educação Física do estado de Goiás buscou fundamentação em uma abordagem crítica de educação e mesmo passível de críticas teve um diálogo e participação de professores. Porém, é percebido uma característica híbrida na proposta pedagógica, tendo influência de outras abordagens da Educação Física. O currículo aberto pode potencializar o trabalho docente, ou seja, garante uma certa autonomia para os professores e promove a diversidade, mas, às vezes abre margem para um trato específico que foge da proposta original.

Fica evidente na citação acima que essa característica híbrida do currículo deixa margens para um trato diferente do que se buscou, possibilitando que a estruturação e organização dos conteúdos seja feita pelo próprio colégio e professores, acarretando muitas vezes a predominância de algum conteúdo específico, como visto na citação onde o esporte está presente em todos os bimestres, não utilizando assim da abrangência dos conteúdos que a Educação Física pode oferecer, apontando para a perspectiva da aptidão física citada por Bracth (1999).

O professor (B) já foi por outro caminho, demonstrando a escolha dos conteúdos como um trabalho coletivo de todos os professores da educação física o que reforça a autonomia dada aos professores, e apesar deste professor estar

isolado em um turno (período) de aula, este indica que existe uma predominância do que foi decidido coletivamente.

Esse conteúdo geralmente trabalhamos ele coletivo, grande parte do nosso currículo aqui foi construído coletivamente com os outros professores tanto o pessoal da tarde como da manhã, nós tivemos uma reorganização de quantitativo de aulas que ai eu fiquei mais isolado no período matutino, então esse trato atualmente e feito por mim, mas os outros colegas também tem contribuição nos anos anteriores que auxiliaram que chegou a ser esse trato hoje em dia dos conteúdos. (PROFESSOR B)

Novamente é possível ver que o currículo abre margem para que a escolha do conteúdo seja reorganizada pela instituição de ensino, o que pode levar a uma padronização de conteúdo, conforme visto nas respostas, isto é, o mesmo conteúdo é transmitido por vários anos. Sabe-se que o objetivo de uma elaboração da matriz curricular é fornecer aos professores um ponto de partida para construção do projeto político pedagógico da escola e partir deste construir o plano de ensino, evidenciando e estimulando o ensino da Educação Física.

Soares et al. (1992), explica a importância do currículo, sinalizando que o eixo curricular é o que demarca, é o que a escola considera como referência sobre o que vai ser oferecido aos alunos, ou seja, é a relação em termos de disciplinas, matérias ou atividades curriculares a serem tratadas. Nas respostas do professor A e durante outros momentos da entrevista como citado abaixo, ficou evidenciado a prioridade na escolha do esporte como eixo curricular.

[...] cada professor tem uma maneira de trabalhar mas, no geral, nós adotamos assim, e o esporte ainda está muito vivo aqui dentro como principal conteúdo assim, principal e... a principal arma que nós utilizamos aqui, entretanto, não é obrigado, obrigatório... a instituição não, e nós aqui, os colégios militares eles tem um diferencial também que é o quantitativo de aula, então a cada... no ensino fundamental cada turma tem três aulas, por semana, o que é raridade aqui em Goiânia, então assim eles levam muito a sério, tanto na formação física do aluno mesmo [...] (PROFESSOR A)

A intenção não é aprofundar no assunto sobre currículo, porém, é importante situar que na reorganização curricular da Educação Física no estado de Goiás houve a tentativa de se desenvolver uma proposta fundamentada em uma tendência crítica, mas fica evidenciado em vários momentos características de outras propostas pedagógicas, o que transparece diferentes perspectivas teóricas, isso pode ser notado também na fala dos professores que não demonstram nenhuma segurança e direcionamento em seguir o currículo sugerido.

Dentro dessa discussão de currículo e conteúdos tratados em aula é essencial buscar compreender qual abordagem teórica-metodológica que subsidia as aulas dos professores entrevistados, sobre esse assunto, ambos os professores entrevistados mostraram conhecer várias abordagens metodológicas e inclusive dizem fazer uso delas simultaneamente durante as aulas. Professor A, forneceu a seguinte resposta:

Sim, essa pergunta ai assim ela é... eu na minha formação vi os professores brigando muito sobre isso aí, eu acho que é uma coisa que... perdeu muito tempo nessa briga aí... qual concepção que a pessoa usa, aqui não tem uma concepção assim da escola, tem de cada professor, então tem professor que gosta mais ali do tecníssimo, de ensinar ali. Eu vou falar por mim, eu gosto e também é o que vemos mais aqui, eu gosto de pedagogia do esporte, e também da parte mais técnica do trabalho, porque aqui visou muito tempo o esporte então era uma da... as salas são muito cheias então você acaba ficando um pouco refém, adequa isso pra realidade da escola, utiliza a melhor metodologia pra para o momento da escola.

Podem ser feitas algumas considerações à respeito da resposta citada acima, quando o professor aponta que na sua formação presenciou muitas “brigas” sobre as várias abordagens e concepções, ele se refere a um período de “crise” da Educação Física escolar, onde buscou-se uma legitimação da disciplina na escola, abrindo espaço para um grande número de estudos e reflexões sobre o objeto de estudo da Educação Física e do seu objetivo na escola. Catellani Filho (1999) retrata com êxito esse período fazendo apontamentos importantes sobre as concepções existentes, concedendo ênfase na abordagem crítico-superadora, a qual embasa essa pesquisa.

Outra consideração relevante na resposta do professor A é a consideração de várias propostas de ensino, ele aponta a suas preferidas e diz fazer uso de várias, alternando de acordo com a realidade da escola. Já o professor B fez considerações parecidas quando perguntado sobre as abordagens que subsidiam suas aulas:

Na verdade nós temos diversas, nós bebemos em várias fontes, então não vou falar, me adentrar apenas em uma, apenas na parte tecnicista por exemplo, utilizo parte tecnicista mas também utilizo outras proposta também, do Eleonor Kunz do Coletivo de Autores más não sigo exatamente uma ou outra, sempre bebendo de uma fonte ali que as vezes naquele momento eu considero que seja mais adequada né pro desenvolvimento dos alunos. (PROFESSOR B)

Novamente é notado o conhecimento do assunto e de várias abordagens e concepções presentes na Educação Física escolar, na resposta não existe um

aprofundamento em alguma abordagem, o que ocorre também com o professor A, que diz fazer uso de várias abordagens dependendo do momento da aula. Cabe a essa pesquisa, fazer uma reflexão sobre os perigos em se considerar várias propostas simultaneamente, perdendo assim, a referência e perspectiva que cada abordagem aponta, ou seja, perdendo a essência que legitima o planejamento e o ensino da Educação Física na escola.

Outra pergunta que fica pendente: Qual seria a concepção adequada para a escola citada pelo professor A ou para o desenvolvimento dos alunos citada pelo professor B? Buscando elucidar esse questionamento, perguntou-se também qual o objetivo da Educação Física na instituição pesquisada e novamente houve um consenso dos professores proporcionando ênfase nas diretrizes curriculares das escolas estaduais. De acordo com o professor A:

A educação física aqui ela segue as mesmas diretrizes que todas as escolas estaduais seguem, entretanto, a diferença aqui... a estrutura que é diferenciada dos outros colégios e também a quantidade de aulas, mas quanto a isso ela segue as mesmas diretrizes [...]

A diferença do colégio pesquisado em relação às outras escolas estaduais, segundo a resposta do professor A, é a estrutura física e a quantidade de aulas oferecidas a esta disciplina, nesse sentido, é possível fazer algumas observações, como a diferença estrutural presente na escola de gestão militarizada, que apesar de ser da rede estadual se difere muito das outras instituições de mesma categoria.

Não cabe a essa pesquisa apontar os motivos que levam a essa diferença de qualidade na estrutura física presente no CEPMG e nas outras escolas estaduais do estado de Goiás, mas abre margem para pensar na realidade dessa escola frente às outras escolas estaduais.

Direcionando para o tema proposto por essa pesquisa, Soares et al. (1992) faz apontamentos para reflexão sobre esse assunto, segundo o coletivo de autores existe um confronto das perspectivas da Educação Física Escolar na dinâmica curricular, nesse sentido, a perspectiva que tem como objetivo de estudo a aptidão física, proporciona ênfase ao esporte como conteúdo, sistematizando o ensino em técnicas e táticas. Para que esse conhecimento possa ser tratado, é necessária uma

organização do tempo e de espaço pedagógico apropriados para a aprendizagem, exigindo que a escola possua espaços diferenciados.

Na resposta do professor B está explícito a ênfase em uma perspectiva voltada para o esportivismo, onde o mesmo ressalta o currículo, que já foi discutido e concede destaque para o PRODEC, um programa complementar promovido pela superintendência de desporto educacional.

Geralmente, a gente trabalha com duas vertentes principais, a do currículo em si que é da rede estadual e os PRODEC, que são treinamentos esportivos, então dentro do currículo trabalhamos, tanto trabalho com os esportes, com a ginástica com as atividades outras atividades corporais [...] (PROFESSOR B)

O PRODEC citado pelo professor B, é um programa que tem como objetivo promover as habilidades técnico esportiva dos alunos/atletas, levando a um melhor desempenho nas competições esportivas em geral. Esse programa necessita que a escola tenha espaços apropriados e variados, além de uma reorganização do tempo pedagógico. Nota-se que existe uma dificuldade em desenvolver uma abordagem voltada para a aptidão física com ênfase no esporte sem uma estrutura física e sem tempo apropriado para tal, neste contexto, o professor continua dizendo:

[...] Já no nos prodec temos os alunos e é oferecido pra eles, no meu caso a natação, os alunos eles vem no contra turno pra fazer essa pratica esportiva, participar de competições ou apenas aprender a nadar a fazer as atividades ai que é no seu contra turno, os alunos que são do ensino médio vem no período vespertino e os que são do ensino fundamental vem no matutino. (PROFESSOR B)

Já que o tempo de aula ofertado à disciplina da Educação Física não é suficiente para desenvolver um conhecimento técnico e tático, a escola se organiza no contraturno, sempre oferecendo práticas esportivas voltadas para uma concepção esportivizada, mostrando que essa concepção ainda está fortemente presente dentro da instituição pesquisada.

Durante a pesquisa é traçado um panorama da Educação Física escolar no Brasil, um dos pontos tratados foi essa concepção esportivizada que ganhou força no período da ditadura militar e que segundo Bracht (1999) ainda está presente na escola mantendo suas características, mas com uma justificativa voltada para promoção da saúde.

Para ajudar a entender o objetivo da Educação Física nessa instituição de gestão militar, adicionou-se a essa discussão a entrevista com o coordenador de Educação Física, gestor responsável na escola. Perguntado como a instituição escolar entende a Educação Física, este em sua ampla resposta trouxe alguns pontos que podem ajudar nessa compreensão. O coordenador que também é militar faz questão de comentar da junção educação e militarismo, a fim de valorizar a Educação Física na escola, entendendo que a instituição militar sempre concedeu muito valor à essa disciplina.

O CPMG Vasco dos Reis, desde que eu cheguei aqui, já tem 10 anos, mais de 10 anos de casa, e há três anos à frente da coordenação de EF, então por ser uma junção educação militarismo, e procuramos valorizar bastante a EF, porque no militarismo é muito valorizada, é muito cobrado isso, apesar da falta de horário das escalas que também não ajudam... os cursos de EF geralmente são muito pesados em relação a parte física, a parte da educação física, então, a maioria dos militares também tem esse pensamento, quando eu cheguei aqui... temos uma variação de acordo com o comandante diretor [...] (COORDENADOR EF)

Notou-se na fala do coordenador, além da valorização da Educação Física ligada a instituição militar há um forte predomínio na valorização da parte física, o que reforça a presença do pensamento apontado por Bracht (1999). No decorrer da resposta do coordenador é percebido que a valorização da Educação Física na escola varia de acordo com o comandante diretor, conferindo destaque a gestão atual.

[...] Em relação a essa gestão atual, foi a que mais investiu nesse sentido e a que mais abraça a causa da EF. É uma gestão... esse o comandante nosso atual que qualquer coisa que vamos lá, e logicamente que bem embasado, bem argumentado, ele atende, ele faz questão e ajuda, e se não dá agora, “não vamos esperar um pouquinho e depois fazemos”. A prova são os vestiários novos, essa sessão nossa nova, a pintura da quadra, que vai pintar e colocar uma tinta bem melhor do que estava, então isso tudo é pra que? Para que o professor tenha um excelente local de trabalho [...] (COORDENADOR EF)

É enfatizado, conforme citação acima, a estrutura física e os materiais pedagógicos disponíveis, que sempre atendem as necessidades, além de destacar o quadro de professores da Educação Física que a maioria são mestres, é apontado que a instituição valoriza e se preocupa com os professores dando condições de trabalho e autonomia para estes.

Quando perguntado sobre a importância da Educação Física no processo de ensino e na formação humana do aluno, o coordenador faz questão de valorizar a disciplina e ressaltar as dificuldades existentes no reconhecimento da mesma nas escolas em geral.

A Educação Física é importantíssima, apesar de estar sendo cada vez menos valorizada e a briga é justamente essa, porque o pessoal acha que a Educação Física não é nada, é superficial, é descartável, já vi Estados que não é obrigatório mais as aulas de Educação Física [...] O segundo grau nosso hoje tem só uma aula de 45 minutos, então o que acontece? Perde-se de mais porque é pouco tempo pra fazer o que a educação física se propõe a fazer sabemos disso, uma aula na semana de 45 minutos não dá pra fazermos nada, dá pra atender do que a educação física propõe, só a socialização só! (COORDENADOR EF)

Esse problema apontado na citação, infelizmente é algo presente na Educação Física escolar onde a valorização é cada vez menor, este assunto não será aprofundado, entretanto, é importante pontuar que essas dificuldades afetam a Educação Física escolar como um todo, independente de qual é a gestão escolar, da sua concepção de mundo ou do seu trato com o conhecimento.

No decorrer da fala, o coordenador novamente lança um discurso voltado para a aptidão física com ênfase no esporte:

[...] então isso tudo é muito preocupante, o povo, os nossos políticos... aí acho que não estão muito preocupados não, e isso aí vai pagar caro lá na frente. Está criando uma geração totalmente desvinculada da atividade física, totalmente [...]. Antigamente toda criança tinha um esporte preferido, porque toda criança gostava de correr, pular, suar, sujar, então cada criança tinha o seu... tinha o futsal, vôlei, o basquete e tal [...] mas às vezes é porque não vivenciou, não jogou, não brincou, perdemos... perde um adulto que vai ser um adulto que não vai praticar atividade física e depois na correria vai se alimentar mal, vai ficar obeso e vai fazer o quê? Vai ficar doente, vai ser um adulto doente que depois vai pra fila do SUS lá e ficar... então é uma bola de neve. (COORDENADOR EF)

Fica notável uma concepção de Educação Física fortemente ligada ao paradigma da aptidão física, voltada para a prática dos esportes, concepção essa, presente no senso comum e muitas vezes abordadas pela população em geral com a mesma justificativa usada pelo coordenador. Nota-se também, dentro do discurso da atividade física uma preocupação com a saúde das novas gerações, linha de raciocínio que é defendida atualmente por quem acredita na concepção direcionada para a aptidão física. Dessa maneira, tem-se indícios valiosos discutidos até aqui que indicam o trato pedagógico voltado para a Educação Física nessa instituição.

Em relação à discussão da necessidade de fazer uma análise e reflexão entorno da relação estabelecida nas aulas de Educação Física nesse CEPMG, aprofundou-se a análise na relação conjunta entre escola, gestão militar e educação. Já foi observado que o coordenador caracteriza essa relação como “excelente” e aponta a gestão militar para justificar um dos motivos da valorização da Educação Física na escola. Os professores uniformemente, indicam essa relação tal qual o coordenador, dizendo não interferir e em muitos momentos facilitar o trabalho pedagógico, prestando todo apoio para as necessidades em gerais, citando os recursos disponibilizados como facilitadores da dinâmica das aulas, conforme observado nas falas dos professores sobre o assunto.

[...] Aqui na escola a relação funciona muito bem, não... nenhuma área passa do seu limite pra sobressair sobre a outra, seguimos as orientações da secretaria, o... a direção também tem suas diretrizes aqui, que é própria dos colégios militares, mas de maneira nenhuma interfere no nosso trabalho, na questão pedagógica, na questão de elaboração de aula. A coordenação pedagógica também serve como apoio para as nossas necessidades aqui, então até o presente momento tem uma... são harmônico, funciona bem, não temos nenhuma, claro que todo lugar tem problemas, mas são problemas que se resolvem aqui mesmo, nesse tempo que eu estou aqui nunca percebi uma influência, uma imposição por parte da... do comando da escola ou da coordenação sobre as nossas aulas, a não ser alguma orientação, alguma coisa que é normal de qualquer outra escola acontecer. (PROFESSOR A)

É eu acho que é uma relação muito boa, que auxilia bastante, principalmente porque conseguimos ter um foco maior no trabalho em si, sai um pouquinho da parte burocrática então tem-se um uma gestão mais organizada, tem melhores recursos então conseguimos focar um pouco no que é o nosso trabalho principal que é o trabalho pedagógico não se perde tanto ali com as questões burocráticas. (PROFESSOR B)

Ambos os professores demonstram que essa relação entre escola, gestão militar e educação funcionam bem, não havendo interferência da gestão nas aulas de Educação Física, ressaltando inclusive, uma grande autonomia dada a eles na elaboração dos seus projetos de ensino, dessa maneira, os professores ganham respaldo para se preocuparem com o trabalho pedagógico.

Conforme mencionado na metodologia dessa pesquisa, essa instituição foi escolhida devido ao seu tempo de gestão militarizada e as potencialidades que esta oferece, além de estar aberta para o referente estudo. Nota-se uma instituição que já tem essa conjunção bem estruturada, ambos os professores e coordenador trabalham há muitos anos na instituição e acompanharam todo processo de

militarização, demonstrando que já se acostumaram e se adequaram com essa realidade, isso tudo influencia diretamente no trabalho pedagógico, que por um lado fica facilitado e bem organizado com estrutura adequada para o que convém a Educação Física nessa escola, apontando para um espaço voltado para formação do corpo e da moral cívica, buscando no esporte a promoção da saúde e dos bons “hábitos”, além de promover a gestão militarizada junto a sociedade.

Esses apontamentos feitos acima viabilizam o desenvolvimento das relações existentes na escola, já existe uma padronização e um conformismo por parte dos professores que centram suas preocupações apenas no processo de transmissão do conhecimento por eles tratados. Logo, é possível ver que essa padronização já está vinculada à realidade dos professores, inclusive na relação com os alunos.

Olha é... relação de respeito, aqui no colégio é um colégio militar, tem a hierarquia que eles tem que seguir, entretanto, não tem nada de imposição de... aquela aula que... nós, as pessoas tem a imagem que está... é igual lá no quartel, nada haver, é uma educação física normal, tanto que eu não sou militar, sou um professor da rede estadual de educação como qualquer um outro, então a relação aqui é uma relação de respeito, amizade e dentro de uma normalidade como qualquer outra escola, mas o diferencial aqui é que os alunos já tem, eles já sabem no primeiro dia de aula que eles vão fazer a aula de educação física, eles não vão escolher fazer, eles vão fazer.
(PROFESSOR A)

Essa relação de hierarquia e educação moral, manifestada nas instituições militares é evidente dentro da escola e no caso dessa instituição é incontestável que isso não é um problema, tanto os alunos quanto os professores já estão familiarizados com o processo de ensino-aprendizagem oferecido pela referida instituição. Na Educação Física fica claro uma relação de respeito entre professor e aluno, porém sustentada por uma hierarquia já presente e incorporada na escola devido sua gestão, isso foi notado na imposição em relação a participação da aula.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se nesta pesquisa um entendimento do trato pedagógico com a Educação Física em um CEPMG do município de Goiânia. Nesse sentido, foi produzido uma breve revisão bibliográfica, ofertando elementos capazes de proporcionar uma compreensão, mesmo que breve, sobre a história da Educação Física escolar, apontado as relações estabelecidas neste contexto com ênfase nas relações evidenciadas entre Educação Física e instituições militares e nas novas abordagens que buscam um novo trato para com a Educação Física escolar, considerando a escola como um espaço de formação humana.

Nessa perspectiva, a Educação Física é vista como uma disciplina capaz de contribuir diretamente nesse processo de formação contínua e humana do educando. A partir dos dados adquiridos nas entrevistas semiestruturadas foi possível discutir sobre pontos importantes que levam a reflexão entorno do objetivo dessa pesquisa, isto é, o trato pedagógico com a Educação Física.

A primeira reflexão proposta é uma análise sobre a visão dos professores entrevistados em relação ao currículo da Educação Física. Sabe-se que atualmente existe um currículo base para a rede estadual de educação (SEDUC-GO), que contempla as propostas da BNCC, neste a Educação Física está inserida com uma proposta que considera a pluralidade dos saberes da cultura corporal, entretanto, existem críticas em relação ao seu entendimento. Na escola pesquisada, notou-se que essa característica híbrida do currículo abre margem para um trato diferente com os conteúdos, deixando de lado diversos temas e conteúdos propostos para a disciplina, levando assim, ao predomínio do esporte durante as aulas.

Notou-se uma certa autonomia dos professores para tratarem os conteúdos que lhes são mais convenientes, dentro desses o esporte está sempre presente, justificado pelo seu potencial de formação moral e física e pela estrutura física diferenciada da instituição, isso aponta para uma concordância dos professores com o trato dado a Educação Física nessa escola. Entende-se que essa disciplina tem como principal objetivo a formação corporal e moral, visando um corpo “saudável”, deixando muitas vezes de lado a potencialidade dessa disciplina, tal como em

contribuir para a formação integral do aluno, e na formação humana de um sujeito autônomo e crítico.

Assim, percebe-se que essa instituição escolar de gestão militarizada mantém relações enraizadas sobre a concepção de Educação Física escolar voltada para uma prática pedagógica balizada pelo paradigma da aptidão. Cabe ainda salientar que as relações presentes na escola pesquisada segundo os professores e coordenador são as melhores possíveis e que todos já se adequaram a essa realidade. Todos os entrevistados já participam dessa gestão desde o começo e entendem que a adequação é o melhor caminho, mesmo com uma estrutura militarizada e com hierarquia definida as relações presentes são de passividade e conformidade, ou seja, a Educação Física cumpre sua função com êxito na formação do “corpo dócil” com valores morais.

Conclui-se que a Educação Física na escola pesquisada funciona bem, no sentido de atender as necessidades da instituição de gestão militarizada. Com isso, entende-se com ajuda da análise dos dados que tanto os professores entrevistados como o coordenador, apontaram para uma Educação Física valorizada na escola pelo seu potencial de formação moral e física, onde o esporte ganha destaque, sendo capaz de promover essa formação, contribuindo para a saúde e dando destaque a instituição junto a sociedade, reforçando portanto o paradigma da aptidão Física.

Assim, essa pesquisa reconhece a necessidade de um aprofundamento no tema proposto, de uma imersão na escola pesquisada e em outras escolas que passaram ou passam pelo mesmo processo de militarização. Trata-se, portanto, de um movimento que não se esgota nessa pesquisa entorno no trato dado a Educação Física pelos professores/coordenador de EF, mas de um processo contínuo presente nessas instituições que precisa ser estudado e refletido afim de proporcionar um entendimento da razão dessas relações se fortalecerem historicamente.

REFERÊNCIAS

BRACHT, V. **A constituição das teóricas pedagógicas da educação física.** Caderno Cedes, ano XIX, n.48, agosto/99.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Diário Oficial da União, Brasília: DF, 05 out. 1988.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394,** Brasília dezembro de 1996.

CASTELLANI FILHO, L. **A educação física no sistema educacional brasileiro percursos, paradoxos e perspectivas.** Campinas, 1999.

_____. **Educação física no Brasil: a história que não se conta.** Campinas, SP: Papyrus, 1988.

CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares: reflexão sobre um campo de pesquisa.** Teoria e educação, 1990.

FREIRE, Paulo. **Educação Como Prática da Liberdade.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra. 1967.

_____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GHIRALDELLI JÚNIO, Paulo. **Educação Física progressista: a Pedagogia Crítica-Social dos Conteúdos e a Educação Física Brasileira.** Edições Loyola. São Paulo, Brasil, 1991.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Romeu. et al; (org.) MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 21. Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (Org.). **Dicionário crítico de Educação Física**. Unijuí, 2008.

PILETTI, Nelson. **História da educação**. São Paulo: Ática, 1996.

SANTOS, M. V. C. **Indisciplina escolar sob o olhar dos direitos humanos: a busca pela responsabilidade partilhada e pela alegria na escola**. Goiânia, 2015.

SANTOS, RAFAEL JOSÉ DA COSTA. **A Militarização da Escola pública em Goiás**. PUC, 2016

SAVIANI, D. **Sobre a natureza e especificidades da educação**. *Geminal: Marxismo e Educação em Debate*, Salvador, v. 7, n. 1, p. 286-293, jun. 2015.

SEVERINO, A. J, **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. Ed. Ver. E atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, R. M. B.; ARAÚJO, E. R. **AS ESCOLAS MILITARES EM GOIÁS E SUA INFLUÊNCIA NA EDUCAÇÃO DOS ALUNOS**. 2018.

SOARES, C. L. **Educação física: raízes europeias e Brasil**. 2. Ed. Revista. Campinas: Autores Associados, 2001.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA

ROTEIRO DE ENTREVISTA – PROFESSOR(A) DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Nome:

Formação e experiência profissional:

1. Qual a sua concepção de Educação Física?
2. Qual o objeto de estudo da EF nessa instituição?
3. Como é organizado o trabalho pedagógico da Educação Física e qual o papel social que a legitima nessa instituição?
4. A Educação Física contribui no processo de construção do PPP da escola?
5. Qual a abordagem teórico-metodológica que subsidia o seu planejamento e elaboração das aulas de Educação Física?
6. Como acontece a escolha e organização dos conteúdos a serem tratados nas aulas de Educação Física?
7. Existe alguma influência da gestão escolar na elaboração do componente curricular?
8. De que modo você reconhece o incentivo e a valorização da EF nesta unidade escolar?
9. Como é construída a relação entre professor-aluno estabelecida nas aulas de Educação Física?
10. De modo geral como você avalia a relação conjunta entre escola, gestão militar e educação?

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DANÇA****ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O(A) COORDENADOR(A) DA EDUCAÇÃO FÍSICA**

Nome:

Formação e experiência profissional:

1. Qual função você exerce nessa instituição escolar?
2. Qual o modelo de gestão que essa escola se enquadra?
3. Como essa instituição escolar entende a Educação Física?
4. Qual a participação da Educação Física na organização e elaboração do PPP da escola?
5. Qual a importância da Educação Física no processo de ensino-aprendizagem e na formação humana do aluno?
6. Qual a participação da gestão na escolha dos componentes curriculares da Educação Física?
7. Na sua opinião qual a contribuição da união escola e gestão militar em específico na Educação Física?
8. De que modo você avalia a relação construída entre educação e gestão escolar militar?
9. No que diz respeito à Educação Física, quais os limites e avanços desta disciplina no âmbito escolar?

ROTEIRO DE ENTREVISTA – PROFESSOR(A) DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Nome: PROFESSOR (A)

Formação e experiência profissional: Formado em Educação Física, tenho especialização em fisiologia do exercício e mestrado em ciências ambientais e saúde. Trabalho aqui no colégio militar há quase dez anos.

1. Resposta: A educação física é uma disciplina como qualquer outra na escola, mais que tem a vantagem de poder fazer as... expressar seu conteúdo de forma prática e é o conjunto de movimentos e ações que englobam vários fatores que ajudam na formação do indivíduo como um todo.
2. Resposta: A educação física aqui ela segue as mesmas diretrizes que todas as escolas estaduais seguem, entretanto, a diferença aqui... a estrutura que é diferenciada dos outros colégios e também a quantidade de aulas, mas quanto a isso ela segue as mesmas diretrizes, só que aqui tem... segue também... foi-se colocado que por ser um colégio militar ela tem aquela tendência da educação física lá dos primórdios, mas não, é totalmente livre de acordo com a orientação da secretaria e da... do como o professor trata a educação física.
3. Resposta: Aqui nós fazemos a educação física dividida normalmente, como qualquer outra escola por bimestre, nós procuramos trabalhar de uma forma que englobe todos os alunos, independente da dificuldade que eles tenham, e cada professor tem uma maneira de trabalhar mas, no geral, nós adotamos assim, e o esporte ainda está muito vivo aqui dentro como principal conteúdo assim, principal e... a principal arma que nós utilizamos aqui, entretanto, não é obrigatório, obrigatório... a instituição não, e nós aqui, os colégios militares eles tem um diferencial também que é o quantitativo de aula, então a cada... no ensino fundamental cada turma tem três aulas, por semana, o que é raridade aqui em Goiânia, então assim eles levam muito a sério, tanto na formação física do aluno mesmo, questão formação mesmo do físico dele como também aprender os conteúdos que são inerentes do curso de educação, da matéria de educação física na escola.
4. Resposta: Sim! Está inserida, tem os projetos que são desenvolvidos pela sessão de educação física todo ano, o que é, quando vai construir o PPP a sessão de educação física aqui está presente.

5. Resposta: Sim, essa pergunta ai assim ela é... eu na minha formação vi os professores brigando muito sobre isso aí, eu acho que é uma coisa que... perdeu muito tempo nessa briga aí... qual concepção que a pessoa usa, aqui não tem uma concepção assim da escola, tem de cada professor, então tem professor que gosta mais ali do tecníssimo, de ensinar ali. Eu vou falar por mim, eu gosto e também é o que vemos mais aqui, eu gosto de pedagogia do esporte, e também da parte mais técnica do trabalho, porque aqui visou muito tempo o esporte então era uma da... as salas são muito cheias então você acaba ficando um pouco refém, adequa isso pra realidade da escola, utiliza a melhor metodologia pra para o momento da escola.
6. Resposta: É exatamente, nós seguimos as orientações da secretaria estadual de educação, como a educação física não tem um currículo definido, estruturado aquele igual as outras matérias tem, então ele fica assim, tem a diretriz que é uma orientação, más nós dividimos por bimestre mas, sempre no bimestre tem uma modalidade esportiva, sempre em cada bimestre, pode ter outro conteúdo mas também junto com esse outro conteúdo nós colocamos sempre uma modalidade esportiva, pelo histórico da instituição como foi organizado, isso tá mudando aos pouco, ano que vem eu acredito que vai mudar totalmente com a introdução da BNCC que aí sim vai... vai dar uma diretriz mais organizada, à nível assim total, de toda Goiânia.
7. Resposta: Não! Influência de imposição não, totalmente livre, nós quem organizamos, juntamente com a coordenação pedagógica.
8. Resposta: Na... aqui sempre tudo que se faz necessário para sessão de educação física temos, pessoal reconhece, apesar assim de não pode ir além do que a secretaria permite, por exemplo, ensino médio hoje só tem uma aula de EF, mas não é porque a escola tirou ela está priorizando as orientações da secretaria, mas em relação ao ensino fundamental ainda têm três aulas, material nós temos suficiente, a quadra... você está acompanhando aí que vai ser pintada com uma tinta especial, aí então em relação a estrutura, o apoio tem muito.
9. Resposta: Olha é... relação de respeito, aqui no colégio é um colégio militar, tem a hierarquia que eles tem que seguir, entretanto, não tem nada de imposição de... aquela aula que... nós, as pessoas tem a imagem que está... é igual lá no quartel, nada haver, é uma educação física normal, tanto que eu não sou militar, sou um professor da rede estadual de educação como qualquer um outro, então a relação aqui é uma relação de respeito, amizade e dentro de uma normalidade como

qualquer outra escola, mas o diferencial aqui é que os alunos já tem, eles já sabem no primeiro dia de aula que eles vão fazer a aula de educação física, eles não vão escolher fazer, eles vão fazer, a não ser que algum problema os impeçam, mas então tem esse diferencial, uma sala com quarenta... e quarenta alunos você tem trinta e oito alunos fazendo a aula, é raridade não tem, então já, quando entram no sexto ano eles já começam a perceber a educação física, como qualquer uma outra... em relação a sua importância na escola.

10. Resposta: Bem... aqui na escola... nós temos em Goiás mais de 50 escolas militares, eu vou falar sobre essa. Aqui na escola a relação funciona muito bem, não... nenhuma área passa do seu limite pra sobressair sobre a outra, seguimos as orientações da secretaria, o... a direção também tem suas diretrizes aqui, que é própria dos colégios militares, mas de maneira nenhuma interfere no nosso trabalho, na questão pedagógica, na questão de elaboração de aula. A coordenação pedagógica também serve como apoio para as nossas necessidades aqui, então até o presente momento tem uma... são harmônico, funciona bem, não temos nenhuma, claro que todo lugar tem problemas, mas são problemas que se resolvem aqui mesmo, nesse tempo que eu estou aqui nunca percebi uma influência, uma imposição por parte da... do comando da escola ou da coordenação sobre as nossas aulas, a não ser alguma orientação, alguma coisa que é normal de qualquer outra escola acontecer.

ROTEIRO DE ENTREVISTA – PROFESSOR(A) DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Nome: PROFESSOR (B)

Formação e experiência profissional: Minha formação é licenciatura plena em EF, especialização em educação e mestrado em Educação Física, trabalho no CPMG desde 2009 a dez anos e trabalho na rede desde 2007.

1. Resposta: A Educação Física na nossa concepção é... uma disciplina curricular que trabalha os conteúdos da cultura corporal de movimento, pra auxiliar nossos alunos no seu desenvolvimento integral não só apenas físico más também intelectual, nessa formação mais completa, que eu penso do sujeito.
2. Resposta: Geralmente, a gente trabalha com duas vertentes principais, a do currículo em si que e da rede estadual e os prodec que são treinamentos esportivos, então dentro do currículo trabalhamos, tanto trabalho com os esportes, com a ginastica com as atividades outras atividades corporais é inclusive agora no terceiro ano estamos readaptando um novo conteúdo que é o esporte paraolímpico inclusive estamos com o pessoal da UEG fazendo estágio e complementando esse trabalho que estamos colocando como primeira vez nesse ano. Já no nos prodec temos os alunos e é oferecido pra eles, no meu caso a nataçãõ, os alunos eles vem no contra turno pra fazer essa pratica esportiva, participar de competições ou apenas aprender a nadar a fazer as atividades ai que é no seu contra turno, os alunos que são do ensino médio vem no período vespertino e os que são do ensino fundamental vem no matutino.
3. Resposta: O trabalho ele e organizado de acordo com a matriz já da secretaria estadual de educação, então tem uma matriz e dentro dessa matriz nos temos uma certa flexibilização dentro da nossa instituição, temos uma certa autonomia pra se trabalhar, então alguns conteúdos que estão na matriz pode-se ter uma certa flexibilidade de acordo com nosso espaço o momento que a gente tá passando aqui se está tendo alguma reforma, se está tendo alguma outra situação, e de acordo com essa situações internas a gente reorganiza esses conteúdo. O papel social e de formação integral do cidadão, ela vem para contribuir junto das outras disciplinas do currículo escolar mesmo, então é a formação integral do aluno, através do esporte, das atividades físicas dos exercícios físicos do das práticas corporais a gente conseguir auxiliar na formação integral desse aluno.

4. Resposta: Sim! Esse PPP a gente anexa nossos conteúdos e anexa nossos projetos extracurriculares né que são os prodec, então consta dentro do projeto pedagógico, então todo ano e feita novamente uma reestruturação e colocado planos de ações pra todas as disciplinas, incluído a nossa, então nós fazemos parte também dessa construção coletiva aí.
5. Resposta: Na verdade nós temos diversas, nós bebê em várias fontes, então não vou falar, me adentrar apenas em uma, apenas na parte tecnicista por exemplo, utilizo parte tecnicista mas também utilizo outras proposta também, do Eleonor Kuns do Coletivo de Autores más não sigo exatamente uma ou outra, sempre bebendo de uma fonte ali que as vezes naquele momento eu considero que seja mais adequada né pro desenvolvimento dos alunos.
6. Resposta: Esse conteúdo geralmente trabalhamos ele coletivo, grande parte do nosso currículo aqui foi construído coletivamente com os outros professores tanto o pessoal da tarde como da manhã, nós tivemos uma reorganização de quantitativo de aulas que ai eu fiquei mais isolado no período matutino, então esse trato atualmente e feito por mim, mas os outros colegas também tem contribuição nos anos anteriores que auxiliaram que chegou a ser esse trato hoje em dia dos conteúdos.
7. Resposta: Nós, vem a matriz curricular da secretaria da educação e aqui nós temos a autonomia de flexibiliza-lo de acordo com as nossas questões internas aqui, então essa elaboração é, não segue uma certa é obrigatoriedade de seguir à risca aquele conteúdo, não e imposto nada, nós temos autonomia pra tá modificando, flexibilizando, organizando da forma que acharmos mais adequada para que o conteúdo seja trabalhado.
8. Resposta: Aqui como é uma escola pública é, nós temos algumas desvantagens e algumas vantagens, as desvantagens é o que segue geralmente todo a questão estadual né de ensino uma certa desvalorização não temos os alunos necessários, não temos e o plano de carreira nosso tá travado, então nesse sentido e um aspecto geral da educação não apenas na nossa unidade, já a nossa unidade aqui ela permite que a gente tenha acesso a muitas outras coisas que outras não permitem

né no caso materiais de qualidade, estrutura de qualidade, então pra escola aqui em si e o trabalho e muito e bem valorizado porque eles oferecem essa estrutura essas condições e essa autonomia que a gente tem para trabalhar

9. Resposta: É, nós temos uma relação muito boa com os alunos, e grande parte e consegue corresponder ao que é proposto, sempre assim como outras escolas sempre tem aqueles alunos ou que estão afastados por atestado médico ou que não tem um certo interesse nas aulas, então... o trato e muito bom a participação e muito boa, bem ... então no período matutino e mais tranquilo em relação a nosso espaço aqui, então geralmente eu fico sozinho então não tem choque de com outras turmas então conseguimos trabalhar bem tranquilo, agora a tarde já tem uma certa dificuldade que as vezes tem até quatro professores ao mesmo tempo um pouquinho mais difícil o trabalho. (entrevistador questiona sobre a relação direta com os alunos). Excelente, sempre assim, sempre tem as questões pontuais algumas situações que as vezes foge do controle, mas estou falando de forma geral, temos esse trabalho, passamos as atividades eles correspondem, fazem e tentam melhorar cada dia mais, só que tem algumas situações em tipo de formas pontuais que geralmente as vezes sai um pouquinho do nosso controle, não sai como a gente espera.
10. Resposta: É eu acho que e uma relação muito boa, que auxilia bastante, principalmente porque conseguimos ter um foco maior no trabalho em si, sai um pouquinho da parte burocrática então tem-se um uma gestão mais organizada, tem melhores recursos então conseguimos focar um pouco no que e nosso trabalho principal que e o trabalho pedagógico não se perde tanto ali com as questões burocráticas.

ROTEIRO DE ENTREVISTA COM O(A) COORDENADOR(A)

Nome: COORDENADOR EF

Formação e experiência profissional: Subtenente da polícia militar do Estado de Goiás e formado em E.F pela ESEFFEGO/UEG.

1. Resposta: Eu sou coordenador do sistema de EF, então a minha função aqui é dar todo apoio necessário para as boas aulas, desde a requisição de material, controle de material, organização de... dos treinamentos e alguma viagem. Por exemplo, sábado iremos disputar os jogos estudantis em Anápolis, aí toda ali... parte logística da situação eu que tento, para o professor pensar só na aula dele, ficar tranquilo em relação a material, em relação a tudo que está à disposição dele para dar uma boa aula.
2. Preferiu não responder.
3. Resposta: O CPMG Vasco dos Reis, desde que eu cheguei aqui, já tem 10 anos, mais de 10 anos de casa, e há três anos à frente da coordenação de EF, então por ser uma junção educação militarismo, e procuramos valorizar bastante a EF, porque no militarismo é muito valorizada, é muito cobrado isso, apesar da falta de horário das escalas que também não ajudam... os cursos de EF geralmente são muito pesados em relação a parte física, a parte da educação física, então, a maioria dos militares também tem esse pensamento, quando eu cheguei aqui... temos uma variação de acordo com o comandante diretor, porque? Por que os nossos professores aqui são os professores da rede estadual, e já estão aqui há um bom tempo, a maioria formou e veio para cá, então, todos eles já são excelentes professores, nosso quadro hoje é um quadro muito bom, muito bom eu não tenho medo de falar que deve ser um dos melhores do estado de Goiás. Temos cinco professores, quatro que são mestres em EF e o pessoal novo, com a cabeça nova... é... Entendeu como que funciona? O colégio militar sem perder aquela magia da EF, o professor mais querido vamos dizer assim, o professor mais querido... Cobram, são rígidos mas não perderam isso, mas assim, passaram uns quatro comandantes e de acordo com comando, valoriza mais, valoriza menos, principalmente em relação há investimento, porque hoje sabemos que a nossa estrutura aqui também é excelente, estrutura de colégio particular e temos a contribuição dos alunos que ajudam é muito em relação a isso, material pra treinamento para as aulas, bola,

rede, essas coisas... nunca faltaram, em nenhuma gestão, nunca faltará, mais em algumas outras uma ou outra gestão houve mais investimento de, por exemplo, propormos um esporte novo e ser atendido, badminton, por exemplo, tênis de mesa, por exemplo, que não tinha colocamos, tem as mesas ali, foram todas agora nessa gestão. Em relação a essa gestão atual, foi a que mais investiu nesse sentido e a que mais abraça a causa da EF. É uma gestão... esse o comandante nosso atual que qualquer coisa que vamos lá, e logicamente que bem embasado, bem argumentado, ele atende, ele faz questão e ajuda, e se não dá agora, “não vamos esperar um pouquinho e depois fazemos”. A prova são os vestiários novos, essa sessão nossa nova, a pintura da quadra, que vai pintar e colocar uma tinta bem melhor do que estava, então isso tudo é pra que? Para que o professor tenha um excelente local de trabalho, a nossa sessão aqui hoje, por exemplo, é nova, tem um banheiro aqui, que foi a pedido dos professores porque sabe-se que professor hoje em dia sai correndo de um lado para o outro e os nossos aqui não são diferentes, eles trabalham de manhã em um lugar, vem pra cá atarde, ou trabalham aqui de manhã e vão para outro lugar atarde, então aqui... tem o microondas aqui, caso eles precisem esquentar o almoço dele, e às vezes ele chega cansado, às vezes até sujo, porque não adianta... o professor de educação física é quadra, é bola, é mão na massa, sabemos disso, então às vezes ele vem aqui, da tempo dele chegar e almoçar e tomar um banho e ficar renovado para próxima etapa, essa é a nossa preocupação... a nossa preocupação aqui é que o professor tenha total apoio em todos os sentidos, as vezes chega até mimar porque se você for procurar onde no Estado de Goiás o professor de educação física pode chegar no local de serviço dele e tomar um banho, esquentar o almoço dele e ficar tranquilo, eu acho que você não vai achar não, vai ser só aqui mesmo, eu nunca vi e tem também a sala dos professores né, além da sala dos professores que eles podem usar também, é muito grande, tem sofazinho tem as coisinhas lá... então o colégio em si também... uma das pautas principais é isso, tratar o professor bem porque sabemos que quando o professor está bem tratado, gosta da li, gosta de estar ali, ele faz diferença, assim já sabemos que às vezes o salário não é lá essas coisas, mas aqui, ele chega... aqui tem uma quadra coberta, tem o material que quiser, então ele tem autonomia de aula, ele vai dar uma aula boa porque ele está... ele tem uma base com ele, tem a quem recorrer com isso, então é isso que pensamos sempre dar o melhor, tudo que

conseguimos fazer com que o professor tenha pra aula dele seja cada vez melhor e isso aí acaba atraindo os alunos também, coisa que está cada vez mais difícil.

4. Preferiu não responder.
5. Resposta: A Educação Física é importantíssima, apesar de estar sendo cada vez menos valorizada e a briga é justamente essa, porque o pessoal acha que a Educação Física não é nada, é superficial, é descartável, já vi Estados que não é obrigatório mais as aulas de Educação Física, em compensação eu vi esses dias em outro Estado que fizeram foi ao contrário, voltar a obrigatoriedade da educação física, inclusive sendo obrigada a ter um professor formado, coisa que tínhamos que organizar pra não ter que correr atrás depois pra volta, tínhamos que organizar para firma o pé, porque a tendência é corta igual já cortaram aqui uma aula de segundo grau. O segundo grau nosso hoje tem só uma aula de 45 minutos, então o que acontece? Perde-se de mais porque é pouco tempo pra fazer o que a educação física se propõe a fazer sabemos disso, uma aula na semana de 45 minutos não dá pra fazermos nada, dá pra atender do que a educação física propõe, só a socialização só! Essa uma aula... porque o que acontece... pega os meninos de terceiro ano naquela correria... é Enem, estuda, estuda... o professor ainda tem as aulas teóricas, inclusive aqui temos aulas de educação física voltadas para o Enem, então quando desce para a quadra o professor meio que dá uma recreação, deixa uma aula mais livre para os meninos relaxarem, correrem ou andar, e fazerem aquilo que eles gostam, e as vezes salvar um ou outro que não gosta de nada. Igual eu falei pra você da estrutura nossa aqui... ele tem desde os quatro esportes convencionais coletivos handebol, o basquete, vôlei e futsal e alguns individuais: O tênis de mesa, a mini pistade atletismo, o badminton, tem um xadrez, tem uma dama, então o professor tenta colocar a turma inteira pra fazer alguma coisa e é igual eu falei... pra brincar, bom vamos brincar porque nessa aí eles relaxam, eles interagem um com outro e tal, mas aí não dá pra desenvolver a parte motora igual propõe. Agora quinto, sexto, sétimo, oitavo e nono sim! Sexto ano aliás, aqui começa no sexto ano até o nono, já são 3 aulas, o professor já consegue, tem dias que são duas aulas juntas, já dá pra fazer aquele desenvolvimento psicomotor, lateralidade... tudo trabalhando com o espaço bom que tem e também a socialização, tudo no lúdico, na brincadeira mas está desenvolvendo, até mesmo porque hoje em dia os meninos não brincam mais na rua, não tem onde correr mais, tem hora que vemos o sexto ano chegar aqui, que parece que os meninos estavam

amarrados, presos em algum lugar e aí eles veem uma quadra desse tamanho e saem correndo na maior alegria do mundo, saem rolando no chão, então assim, isso é coisa de menino que nunca viu um espaço desses, “eu posso correr nesse espaço deste tamanho, eu posso tal, nossa que grande, eu vou rolar aqui no chão, pular” e os meninos parecem que... Assim isso é fruto do que vivemos hoje, as crianças não brincam na rua mais, as crianças não jogam bola mais, antigamente as crianças chegavam na escola, praticamente com a base, vamos dizer assim... com os fundamentos dos esportes já prontos, já sabiam jogar um vôlei, já sabiam driblar no basquete, ele já sabia também no handebol driblar, no futebol então nem se fala, no futebol os meninos já chegavam craques na escola, dominando, batendo, chutando, driblando aí o professor, no sentido dos esportes, tinha só que ensinar as regras, posicionamento... e também o que acontecia... não ia perder tempo também, não é perder tempo, não ia, não tinha que ensinar, parar tanto nessas fases, agora é mais isso aí querendo ou não sabemos pra ensinar um fundamento aí é mais complicadinho, e mais demoradinho... aí às vezes fica mais chatinha, isso tudo vai influenciar lá no desenvolvimento dele, da corrida, tem menino aqui que eu acho que nem correr pode em casa porque não em espaço também, então o menino em uma quadra desse tamanho aqui, temos a 40x20, vemos as crianças cansando, temos os nossos jogos internos, até faz o time dos funcionários para brincar contra eles, eles acham bom demais, entramos no campeonatinho contra eles, faz o campeonato de futsal, com time de vôlei ai no nosso interclasse os funcionários disputam contra eles, como os do segundo grau, que são os maiores, então assim você vê os adolescentes, as crianças se cansando... na 40x20 tem hora que o jogo para, coisa que se fosse antigamente não cansava assim não. É quadra coberta, tem o climatizado ali que dá uma refrescada, então isso tudo é muito preocupante, o povo, os nossos políticos... aí acho que não estão muito preocupados não, e isso aí vai pagar caro lá na frente. Está criando uma geração totalmente desvinculada da atividade física, totalmente... apesar, de hoje vermos uma onda muito grande de academias, mas é muito mais pelo lado estético do que por outra coisa, não é pela saúde é pela estética, essa geração que estamos criando aí agora, geração do celular, do computador, vídeo game, eles não vão praticar esporte igual os adultos não... não vão, raríssimas exceções. Antigamente toda criança tinha um esporte preferido, porque toda criança gostava de correr, pular, suar, sujar, então cada criança tinha o seu... tinha o futsal, vôlei, o basquete e tal, hoje em dia se você for

perguntar, for fazer uma enquete, uma pesquisa com essas crianças do primeiro, segundo, primeiro, segundo e terceiro ano são os maiorzinhos, já estão achando que são adultos, se você for perguntar qual seu esporte... você gostaria de treinar por exemplo... muitos vão falar nenhum “não eu não gosto de nenhum”. Porque? Porque, às vezes não teve chance de vivenciar, aqui nós ainda abrimos um pouco o leque, justamente por causa disso também, pra ver se consegue arrebanhar mais simpatizantes do esporte, porque também só os 4 tradicionais, convenhamos que cerca muito o cerco, aí às vezes o menino não se dá bem com a bola “Sou ruim eu não gosto”, mas às vezes no tênis de mesa ele já, “Opa, nesse aqui eu dou conta!”, “Eu gostei desse!”, na natação às vezes o menino nunca nadou 10 metros, o atletismo também... o judô, então, às vezes, o menino que nunca vivenciou o esporte chega e isso aí é como se fosse uma conquista, o menino é ruim no futsal, vai ser ruim no basquete no vôlei tal... mas às vezes é porque não vivenciou, não jogou, não brincou, perdemos... perde um adulto que vai ser um adulto que não vai praticar atividade física e depois na correria vai se alimentar mal, vai ficar obeso e vai fazer o quê? Vai ficar doente, vai ser um adulto doente que depois vai pra fila do SUS lá e ficar... então é uma bola de neve. A educação física, eu acho que tem que fazer... que está na base da educação física, mas que não deixam, a educação física tem que fazer isso, mas pra fazer isso temos que ter tempo, o professor tem que fazer isso, mas tirando uma aula minha? Como que vou fazer isso em uma aula por semana? Como que eu vou desenvolver a psicomotricidade da criança, do adolescente com uma aula por semana? Sendo que, eu tenho conteúdo para dar dentro de sala de aula também, como que vou desenvolver a socialização tendo uma aula por semana? Então é complicado, tentamos, mas lutando contra eu acho assim que, eu não vejo o pessoal se movimentando em relação a isso, tira e... “Tirou eu então fazer o que?” Não tem que movimentar... tem que: “Ou espera aí vamos tirar não.” Onde vamos? Onde reclamamos? Vamos reclamar, vamos questionar, vamos correr atrás de quem pode ajudar, vamos organizar... É igual eu falei, agorinha tira mais coisas aí vai fazer igual em outros Estados, a partir de hoje não é mais obrigatório a educação física escolar em uma escola. A escola que quiser põe, a que não quiser não põe, isso aí perdemos espaço, as crianças nunca mais vão ver bola na vida, não vai correr mais em lugar nenhum, em consequência vamos perder emprego, vai perder área de trabalho, que já não está muito bem, perde cada vez mais.

6. Resposta: A gestão é militar, então tanto eu quanto o comandante aqui temos esse cuidado de dar a base para os nossos professores e o apoio, mas nesse sentido eles tem muito autonomia... bastante autonomia em relação a isso. Então é... os professores sentam com a coordenação pedagógica e eles decidem lá a questão do PPP, dá das diretrizes todas, eles se organizam, eu não costumo dar palpite nisso não, eles ficam bem à vontade em relação a isso. O conteúdo dado em sala já é via professor e coordenação pedagógica, os coordenadores pedagógicos, entendeu? Eu aqui não... nos conteúdos eu não. (*Entrevistador questiona sobre acesso aos conteúdos*). O que cada turma vai trabalhar chega, eu até coloco no quadrinho no computador, qual semestre por bimestre o que está trabalhando, qual série é, tudo direitinho, mas isso aí eles que se organizam, o planejamento é totalmente por conta da parte pedagógica do colégio.
7. Resposta: A contribuição do militar nas aulas de educação física é a mesma em todas as aulas, em todo o projeto colégio militar é a disciplina. A disciplina que a cobramos sempre muito de todos, inclusive dos professores... os professores de educação física assimilaram muito bem essa parceria, porque às vezes o professor também tem alguma resistência em relação a isso. A partir do momento que o professor percebe que aquela disciplina é boa para o próprio aluno e também para ele, fica tudo mais fácil, que falamos da disciplina consciente, que apesar de descer... de estar em um espaço que a educação física ser a aula diferente... a aula mais livre, é aquela liberdade bem de perto assistida, bem de perto orientada e sem confundir com a libertinagem, nunca confundir com isso e às vezes é pode passar um pouquinho ou outro, mas nossos professores eles abraçaram bem a causa, então... e eu acho que a disciplina é o que trouxemos de melhor para os colégios, é o que o povo clama, clama por colégios militares, a maioria das vezes é por causa da disciplina, até mesmo porque os professores são os mesmos da rede estadual, então quando trazemos um bom professor, em um bom espaço com material, um bom material disponível e a disciplina, a chance daquela aula, daquele objetivo ser atingido é muito grande, fica bem mais tranquilo pra eles, inclusive trabalharem em um lugar com disciplina e os alunos sabendo que ali tem disciplina e atenderem. Os meninos também entende que apesar de ser educação física... um lugar diferente da sala de aula ele está ali, a regra está ali para eles atenderem e a vida deles vai ser sempre cheia de regras e quanto antes eles entenderem isso melhor... que é a disciplina consciente que falamos, mesmo não sendo assistido, mesmo não sendo

vigiado entre aspas ele deve seguir as regras isso é o que tentamos colocar na cabeça deles para facilitar a vida deles quando adultos.

8. Resposta: A educação e a gestão militar e uma relação de respeito, muito respeito de ambos os lados, mas bem tênue, que às vezes, uma hora ou outra tem algumas divergências de ideias, vamos dizer assim, mas que são solucionadas. Como o nosso colégio é um dos mais antigos de Goiânia, essa parte já foi pior, essa relação já esteve pior, com a chegada... a implantação do sistema tem as resistências, mas o colégio militar ele tem. Tem o colégio militar e tem os outros colégios, então é o que costumamos dizer aqui para os alunos, para os funcionários e professores: A cobrança aqui é maior em cima de todo mundo, então assim, se não quer ser cobrado... se não quer é que temos uma melhor estrutura, tem segurança, mas a cobrança é maior e tem gente que não... que acha que não deve, que não precisa ser assim. Para isso tem os outros colégios, tanto para os professores, quanto para os alunos e os funcionários e também para os militares, não é porque o colégio é militar que a palavra do militar é sempre a última não, muito pelo contrário, nossa gestão aqui é muito aberta. Eu como coordenador de educação física aqui, não tomo decisão nenhuma na sessão sem antes perguntar para os professores, trocar uma ideia, trocar uma experiência, o nosso comandante também não, o coordenador de ensino também não... os professores aqui tem liberdade total de chegar e conversar dar uma sugestão e isso é que fez desse colégio, dessa unidade hoje uma das melhores do Estado de Goiás, é essa parceria que foi se... foi amadurecendo. Os gestores aqui do colégio, tanto os militares, quanto os gestores civis já são bem antigos de casa, então já são aqueles que estão aqui por que gostam, compraram a ideia, vestiram a camisa, porque se não gostassem já tinham saído, tinham pedido para ir para outro lugar, igual já teve casos, tanto de um lado, quanto de outro, hoje em dia... eu acho que conseguiu uma harmonia nesse sentido... de divisão de responsabilidades e de divisão de decisões, uma harmonia que eu nunca tinha visto aqui nesses anos que estou aqui, então isso faz com que tudo ande mais tranquilo, toda mudança que chega... seja melhor absorvida, os professores ficam mais tranquilos porque sabem que o comando assiste eles bem, que tem uma base boa, tem um respaldo, tem um apoio para o que precisarem, porque quando os militares chegaram no colégio eu não estava aqui ainda, mas os outros casos desses... colégios mais novos sempre tem resistência, achando que agora é ditadura e tal, não vou nem entrar no mérito dessa questão não. Às vezes questão política, alguns

professores mais exaltados já levam para esse lado e alguns militares também já querem impor como se é no militarismo, mas aqui não, aqui hoje conseguiu uma harmonia no sentido de... entende que apesar de ser colégio militar, o nome militar não podemos chegar aqui e enfiar à goela baixo nada, nem os alunos conseguimos, a maioria dos militares aqui tem uma formação de professor, tem professor de matemática militar, de história, então temos uma pedagoga militar, assim é uma equipe bem capacitada e que entende isso. O que nós menos somos aqui é militar, por incrível que pareça, então às vezes a pessoa chega aqui e acha "a eu vou chegar, vão está lá os robosinhos em forma, só sim senhor e não senhor", mas isso é mentira, aqui é um colégio normal, comum como qualquer outro, tem algumas coisinhas diferentes, mas que não é tão diferente assim... meu menino estuda em um colégio particular e toda semana eles cantam o hino nacional, aqui canta também toda semana o hino nacional, o hino da escola, então assim, é essa harmonia que alcançamos e que precisava porque às vezes tem algumas coisas do lado do militarismo que tem que ser feito e que às vezes antigamente algum professor, alguma coordenadora achava que não deveria, que era um absurdo, que não podia, aí dava um choque, mesmo jeito às vezes uma coordenadora uma professora queria fazer uma outra coisa um pouco diferente e alguém do lado do militarismo achava que também não convinha na oportunidade, então isso aí que hoje conseguimos adequar e quase, não vou falar na perfeição não, mas bem próximo em relação a essa relação entre militar e civil, hoje em dia no colégio... mas é muito por conta do que eu falei, porque os membros e apesar de eu estar aqui falando toda hora civil, militar, mas e só pra ilustrar para ficar bem claro, por que hoje em dia aqui é funcionário do colégio, mas às vezes por causa da formação fica essa né, hoje aqui e os membros que fazem a diferença, a questão de antiguidade de casa, que vestiu a camisa e vamos todo mundo ali, o objetivo é esse, não importa... estar todo mundo abraçando, vamos todo mundo, a um problema vamos resolver, tanto que tem nosso conselho, que é composto por militares e civis e a associação pais e mestres também. Temos a porta sempre aberta para os pais aqui, a associação aí tem os componentes que são pais e alunos e os componentes professores, que está sempre em contato direto com comandante, tudo que precisa, tudo que acha que não está certo... então aqui não é um lugar que o comandante e intocável, o comandante não atende ninguém, muito pelo contrário, sabe? A sala do comandante está aberta toda hora para militar, para professor, para funcionário dar

manutenção, para pai que tem “Eu queria falar com comandante!” ele vai atender tranquilamente, isso aí é importante demais porque trocamos informações, troca conhecimento não é porque eu sou militar que eu vou saber mais que você que é professor, nem você que é professor sabe mais que eu que sou militar. Aqui na sessão, mesmo toda decisão nossa é em conjunto, às vezes o professor vê uma coisa que eu não estou vendo, às vezes eu vejo uma coisa que ele não está vendo, então isso aí que faz essa harmonia ser tão grande e ser de sucesso, porque como diria lá no... técnico de futebol gosta muito de falar isso... o grupo está fechado, está coeso, isso aí que é o sucesso maior do colégio hoje em dia, isso aí que nos faz ir cada vez melhor.

9. Resposta: Os limite são a falta de apoio, igual eu falei na questão anterior, o menosprezo de, às vezes, até o pessoal da nossa área, os outros professores que acham que “A educação física não”, então esses são os limites que... enquanto está só nas brincadeiras... que tem de mais “O professor de educação física é recreador, é boleiro e tal!” Tudo bem, mas isso aí está sendo levado a outro patamar, igual eu falei... tem Estados que já cortaram a educação física do colégio, porque? Foi de repente que eles “Não a educação física não é tão importante, vamos cortar!” Não! Não é de repente, isso aí vem de um certo tempo sendo visto como uma... um aquilo que não faz falta, “A educação física não faz falta” É o que está cada vez maior, esse é nosso limite aqui também somos diretamente ligados à secretaria de educação, então se a secretaria falar que a partir de hoje não tem mais educação física nas escolas estaduais, nós também estamos juntos, também vai perder e muito, só que para algumas pessoas... Essas pessoas que às vezes estão aqui do nosso lado, falando isso “É... a educação física não serve pra nada e tal!” e estão aqui do nosso lado sentado, são os professores... É o professor de matemática, de português, “Não... Tira as aulas de educação física precisamos ensaiar pra não sei o que!” (pega a aula de educação física), “Não... Vai vir um pessoal, precisa dar uma palestra...” (pega a aula de educação física), e o professor do lado caladinho achando... bom “Não dou aula, pra mim está bom!” Aí vai sair perdendo, na hora que cortar, vai cortar de quem? Corta da educação física! Esse é o nosso limite, mas também aqui não dá pra fugir da nossa meia culpa também... de bater o pé “Não! Espera aí! Minha aula vai pegar não! Pega outra aí, a minha não! Tenho que passar um conteúdo ali e tal... a prova está chegando.” Fazer valer também né, essa é nossa limitação, uma limitação que meio que plantamos, que está plantando e fica

ali convenientemente tranquilo, naquela situação e vendo os outros tomar o que é nosso e fica caladinho. Assim vem, é igual eu falei pra você como que o professor vai conseguir passar um conteúdo... vai conseguir desenvolver o lado psicomotor de uma criança, de um adolescente em uma aula por semana de 45 minutos, esse é o limite, não existe limite maior que esse, impossível! Impossível! Vai só sociabilizar um pouquinho, socializar, brincar e só, no máximo. Os avanços, o principal avanço da educação física no colégio militar é estrutural, a estrutura nossa aqui é uma das melhores de Goiânia, sem sombra de dúvidas... questão de material, todo material que o professor precisa ele tem. E no nosso caso aqui específico, é a qualificação dos professores também, além disso né, porque a estrutura vieram primeiro os professores, vieram se qualificando com decorrer do tempo, assim que eles saíram da faculdade e vieram para cá e fizeram a pós, igual eu falei pra você temos o Gerson, Fabricio, Ismael, Marcos Paulo e o Rubens, são cinco, deles, quatro tem mestrado, recém feitos agora, então isso aí é para nós e para os alunos. O nosso quadro de professores aqui é excelente, costumamos brincar aqui que o Rubens que é o professor mais velho nosso está quase aposentando também e que costumamos brincar... quando o Rubens sair vamos ter que fazer um concurso aqui para ver quem vai entrar no lugar dele, porque quatro mestres, não pode entrar qualquer um não, porque senão vai abaixar a qualidade dos nossos professores, e isso aí, aqui na nossa unidade, eu acho que é a qualificação dos nossos professores e a estrutura que é mais diferenciada nesse sentido.